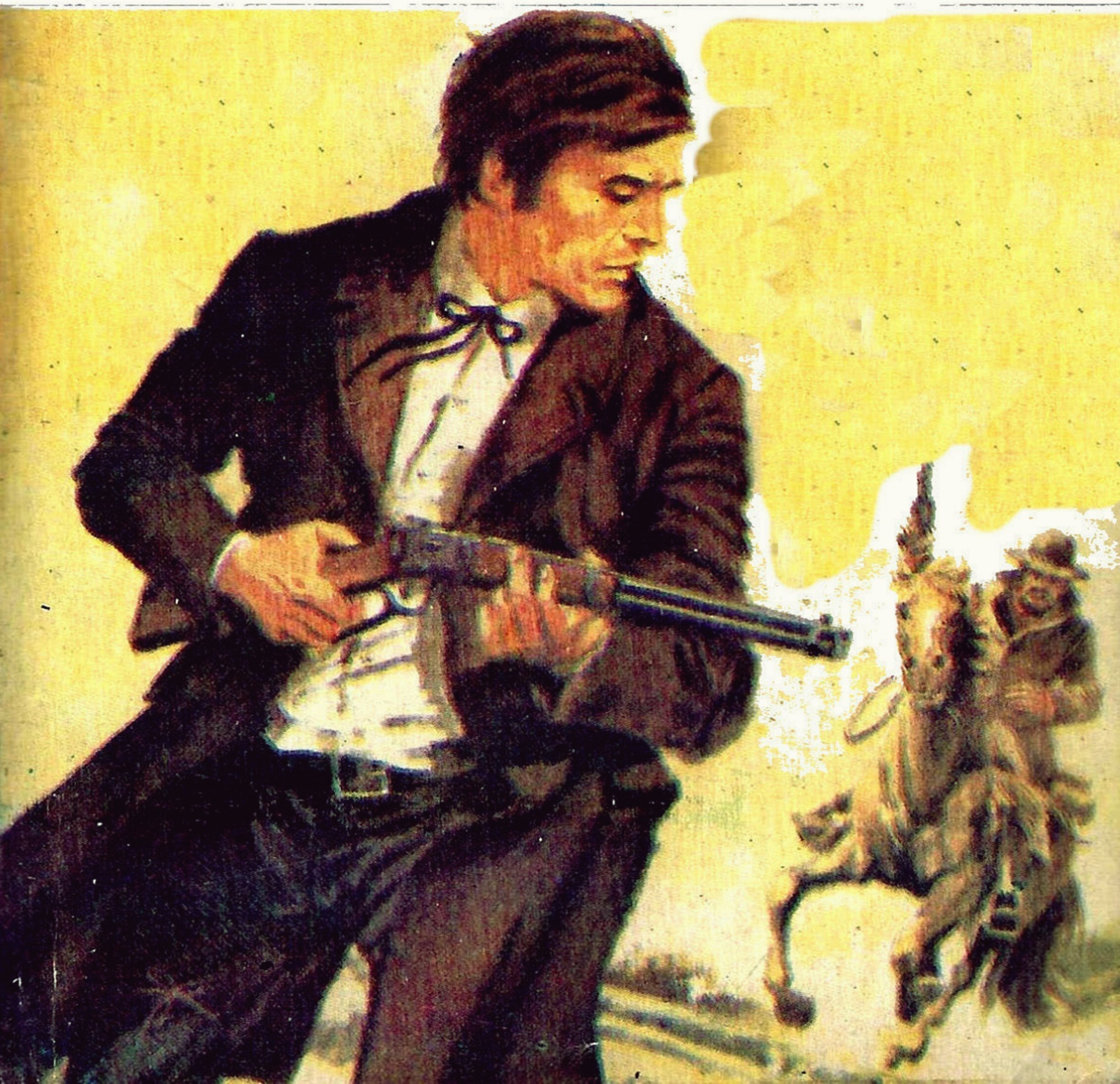
COLECÇÃO
ARIZONA

M.L. ESTEFANIA

CHUVA DE BALAS



M. L. ESTEFANIA

CHUVA DE BALAS

Original de:
ROGÉRIO PAULA BASTOS

EDIÇÃO DA

AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

Colecções:

ANDORINHA
ARIZONA
BISONTE
BRAVOS DO OESTE
BÚFALO
CAMÉLIA
CARABINA DE OURO
CARÍCIA
CARLOS SANTANDER
CONQ. DO OESTE
CORADO
F. B. I.
GALÁXIA
KUNG-FU
MADREPÉROLA
MÃOS NO AR
ORQUÍDEA
PATRULHA DE COMBATE
PIMPINELA
PÓLVORA
ROSA
RURAIS DO TEXAS
SELENE
SÍLVIA
TERROR
ZZ 7

CHUVA DE BALAS

N.º 324

Copyright

EDITORIAL BRUGUERA, S.A.

Depósito Legal N.º 1748/83

Composição e impressão
TIPOCROMIA AGUIAR, LDA.
Rua de Santo António à Estrela, 114-A — 1300 LISBOA

Todos os direitos reservados para Portugual em conformidade com a Lei, na apresentação, distribuição e conjunto da obra. Distribuidores e depositários: AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS em Lisboa, Porto, Coimbra e Faro

I

O cavalo, habilmente dirigido pelo enérgico cavaleiro que o montava, evitou com um salto prodigioso um pequeno tufo que parecendo apenas ser mato, escondia duros blocos de granito. Se não fora o salto, o nobre animal poderia ter ficado fortemente magoado nas patas dianteiras. Depois desta audaciosa manobra, ouvia-se agora mais próximo o ruído das patas do poldro assustado que, havia duas semanas, era perseguido sem cessar, pondo à prova a resistência e habilidade de perseguido e perseguidor.

Dan Pook, habitualmente taciturno, mudou de expressão, preparou o laço, ao mesmo tempo que animava o seu cavalo para não diminuir o galope, que desenhava sobre a selvagem paisagem que o rodeava uma água-forte de uma beleza sem igual.

Por fim, o círculo oscilante da corda saiu da mão que, segundos depois, demonstrava a sua força ao aguentar a terrível tensão a que o obrigou o desejo de fugir daquele poldro, logo que se sentiu preso pela corda.

— Não! Já é inútil!... A tua luta foi admirável e obrigaste a afastar-me muitas milhas do meu refúgio, mas agora não escapas — monologou Dan Pook, com as feições alteradas por um prazer imenso largo tempo desejado.

É difícil compreender as reacções anímicas dos homens dedicados à caça dos cavalos selvagens, visto que neles se misturam, com frequência, o prazer com o desgosto, consequência do termo de uma perseguição largo tempo mantida, que abriria um parêntese nas suas emoções de captura, pois a doma, para os habituados a essa

tarefa, por muitas dificuldades que muitos exemplares oferecessem, acabavam sempre por levar a sua avante.

«Fugidio», como ele baptizara o belo cavalo que acabava de laçar, fitava-o agora com uns olhos de ódio e entre relinchos tão patéticos que Dan disse-lhe, batendo-lhe carinhosamente no lombo, depois de ter desmontado do esgotado cavalo que lhe permitira alcançar aquele êxito:

— Vamos, «Fugidio», não sejas tão rancoroso. Eu vou tratar-te bem, podes ter a certeza. E pelo muito que me custou apanhar-te, não te venderei. E verás que não te marco com o meu ferro. Tenho a certeza de que se o fizesse agora tu nunca mais me perdoarias. Cala-te! Cala-te! Vais conseguir entristecer-me! Sentes a falta dos teus pais? Melhor! Assim poderei apanhá-los também.

Pouco a pouco, «Fugidio» foi serenando até ficar esgotado pelos esforços despendidos para se libertar da corda ou convencido pelo tom amistoso da voz de Dan.

Não fora fácil, bem longe disso, percorrer tantas milhas atrás do rápido poldro. Mas, agora, Dan podia admirá-lo convencido de que muito em breve se transformaria no melhor dos cavalos que ele já tivera e dos muitos que conhecera. Chegava à conclusão, depois destes pensamentos, que seria até o melhor da União. Ele, Dan Pook, sempre possuíra os melhores cavalos, caçados nas pradarias de Wyoming, limitadas ao norte pelo Owl Creek e ao Sul e a Oeste pela cadeia montanhosa de Winder River, região onde, sempre ouvira dizer, existiam os cavalos selvagens mais fortes e mais velozes.

No planalto mais elevado de Owl Creek possuía ele o seu refúgio ou quartel-general, descendo de vez em quando a Shashoni ou Thermópolis a fim de adquirir o que precisava para a sua alimentação ou vestuário, simples com os seus hábitos.

À medida que caminhava, agora já sem pressas, para o seu refúgio, ia submetendo o «Fugidio» à brida e ao cavaleiro pelo que estava quase acostumado quando chegou ao sopé dos montes Owl Creek, onde acampou antes de iniciar a subida, bastante difícil para cuidar daquele, às vezes, incompreensível poldro.

Esgotado pelos contínuos esforços despendidos durante longos dias, primeiro atrás da presa tão desejada e, depois, ao velar pelo «Fugidio» que tanto resistira à nova vida, Dan adormeceu profundamente e já anoitecera quando acordara. Àquela hora já não lhe seria fácil conduzir o cavalo rebelde por aqueles caminhos por entre precipícios. Convencido desta dificuldade, preparou lentamente o seu cachimbo ao mesmo tempo que sua a imaginação, numa sucessão de factos retrospectivos, fazia desfilar os mais remotos de uma vida audaz e cheia de aventuras. Mas, de repente, ergueu-se como se tivesse sido mordido por alguma das cobras que por ali abundavam. Ficou rígido junto à manta onde estivera deitado, tirou o cachimbo da boca e, com os pupilas muito abertas olhou para cima. Para o mais alto dos montes Owl.

Não havia dúvida. Era fumo que saía de uma fogueira no seu refúgio e ninguém sabia, pelo menos por ele, que passava ali largas temporadas.

Que teria acontecido aos cavalos que lá deixara. Ter-se-iam apropriado deles? Era toda a sua fortuna e pensava ir vendê-los a Shashoni quando tivesse domado completamente o «Fugidio». Estava a necessitar de adquirir tabaco, café, um saco de aveia e cevada com que completava a alimentação dos seus cavalos, assim como um pouco de farinha para fazer o pão muito rudimentar a que se acostumara.

Havia mais de um mês que não tinha qualquer notícia do mundo que o rodeava. Durante três semanas perseguira o «Fugidio» desde que o descobrira no pequeno ribeiro que, no sopé daquelas montanhas aflui ao Big Horn, o rio que começa por se chamar Wind e que ao deixar de ser Big Horn passa a ser conhecido por Yelliwstone, para finalmente se transformar num dos mais influentes cursos de água do Missouri.

Quem seria os visitantes do seu refúgio que considerava livre de todas as visitas? Que teriam feito das suas coisas? Especialmente daquele «diário» onde havia muitos meses se acostumara a anotar a sua vida exterior e as impressões anímicas que esta vida e a convivência com os seus semelhantes originavam na sua alma? Talvez esti-

vesse a rir-se de tudo quanto escrevera, sem pensar que alguém alguma vez o pudesse ler. Nesse «diário» encontrava-se descrita grande parte da sua vida passada desde que sendo um garoto sairia da sua cidade, impelido, como tantos outros, para as terras onde um alemão naturalizado suíço, Sutter de seu nome, encontrara o filão de ouro que, como um gigantesco gongo despertara o mundo de aventureiros e ambiciosos.

Nesse «diário» estava relatado o espectáculo, tão especial como verídico, de São Francisco, com a baía cheia de barcos em que não haviam ficado nem os comandantes! Todas as tripulações desertavam, em perseguição do áureo metal. Os jornais deixaram de se publicar porque os jornalistas consideravam mais importante ir para o vale de Sacramento em busca da riqueza que relatar a forma como outros mais decididos o haviam encontrado. Os médicos abandonaram os seus doentes e os professores os seus alunos... Tudo isto que fora presenciado por Dan estava escrito no seu «diário» e, como consequência, a reacção sofrida pela sua alma jovem, mais cheia de ideais que de pensamentos materialistas...

Também era descrita a sua passagem pelo vale onde aqueles que tinham alguma coisa para vender ou alugar aos pesquisadores, inclusivamente, um mísero recanto para dormir, faziam mais dinheiro que os próprios felizardos, visto que a comida, o uísque e as ferramentas valiam mais que o seu peso em ouro.

O pior que o género humano possuía em cada país fora projectado pela cobiça em direcção à Califórnia pelo chamariz da descoberta de Sutter, homens a quem os Estados Unidos deviam erigir um gigantesco monumento, visto, ter sido ele um dos principais construtores do actual poder da União.

Dan que, no fundo, era um amante das coisas belas, vira-se envolvido naquela loucura sem outra lei que não fosse a força e a habilidade com as armas. Fora obrigado a defender-se e fê-lo com acerto, com tanto acerto que bem depressa foi conhecido como *gun-man*, terrível pistoleiro a quem a maioria receava e muitos admiravam.

Naquele «diário» podia seguir-se passo a passo as

andanças de nomes extravagantes que passaram à história da União talvez por esse hábito de Dan Pook escrever, durante muitos meses, as suas impressões. Nomes como Red Dog Camp (Campo do cão vermelho), Mad Male Gulch (Torrente da mula louca) e Murder's Bar (O bar do assassino). Nestes locais, diferentes uns dos outros, conhecera Dan os tipos mais antagónicos numa amálgama que em nada ficou a dever à torre Babel com os seus idiomas tão diferentes e temperamentos tão estranhos.

Era ainda muito jovem quando abandonara, como os seus companheiros a Universidade onde estudara para se licenciar em Direito. Visto ser este o desejo de seus pais. Todos os seus antepassados haviam seguido esta profissão em Inglaterra e em que seu pai era uma das figuras mais salientes da União.

Decidiu, por fim, deixar de pensar e subir a montanha o mais rapidamente possível a fim de averiguar quem se apoderara da sua cabana onde julgara poder estar a salvo de uma convivência que não desejava e que o impelira, tal como frágil cortiça sobre as turbulentas águas de todas as paixões, para aquele retiro tão amado.

Conhecedor do terreno, depois de verificar que «Fugidio» não podia fugir e que «Pat», o seu outro cavalo, cuidaria do novo amigo, subiu com segurança até ao alto planalto que a montanha formava no seu cume. Aqui chegado, deslocava-se com cuidado a fim de os seus passos não poderem ser ouvidos. De súbito sentiu-se empurrado suavemente e as suas armas saíram dos coldres com aquela velocidade que o tornara famoso entre os mais célebres pistoleiros do Vale do Ouro, para sorrir perante o estúpido medo que, tinha de confessar, sentira, por momentos, antes de verificar que era «Leal», um velho companheiro que ele caçara, dois anos antes, no norte do Nevada, quando fugia das paixões desenfreadas dos pesquisadores e traficantes de ouro.

Compreendeu, porém, que teria sido muito mais fácil a um homem disparar sobre ele que «Leal» o haver empurrado e ao mesmo tempo que assim pensava, acariciou o cavalo, evitando que ele relinchasse, como certamente

o faria se não sentisse a mão carinhosa do dono sobre o seu forte pescoço. Aproximou a boca do ouvido do animal e disse-lhe:

— Vai, «Leal»! Vai por aí...

Voltou a empurrar Dan carinhosamente com o focinho e obedeceu imediatamente.

Dan, agora mais vigilante, continuou a caminhar, encontrando a sua cabana, construída por ele com grandes dificuldades iluminada por uma fogueira quase extinta.

Já a pouca distância das janelas, com um revólver em cada mão, aproximou-se cautelosamente e sem assomar muito a cabeça para não ser descoberto, olhou para dentro, mas não descobriu nada.

Não podia compreender aquilo e não havia dúvida de que alguém acendera aquela fogueira.

Como confirmação, viu na sua cama um monte de mantas e na cabana alguns objectos que não lhe pertenciam. Depois de certo tempo de observação resolveu entrar, principalmente atraído por um aroma a café que saía pela janela.

Já lá dentro, guardou as armas nos coldres e observou tudo, lendo no solo seco, como se estivesse a ver, que eram várias as pessoas que ali haviam estado. Procurou a cafeteira onde fazia o café e ao ver que ainda tinha um pouco de líquido deitou-o num púcaro que comprara em São Francisco. Quando bebia com prazer junto do fogo, reparou que as mantas sobre o leito se mexiam. De um salto, já com as armas preparadas, colocou-se junto do leito e soltando um pequeno grito de estranheza.

Dois olhos negríssimos fitavam-no com desprezo. Levantou as mantas e deparou-se-lhe uma jovem amarrada e amordaçada que o fixava curiosa, agora, a compreender a estranheza do jovem. Com as mãos trémulas pela emoção que aqueles olhos lhe provocavam, desamarrou as cordas que prendiam as mãos juntamente com as pernas da jovem, obrigando-a a permanecer numa incómoda posição que quase a impossibilitava de qualquer movimento. Depois tirou a mordaça.

A jovem estendeu os membros com prazer, olhou, de

revés, para Dan mas, de momento, não disse nada. Ele também não sabia que dizer.

— Não sei se devo agradecer-lhe por haver voltado para isto. Talvez que os seus propósitos sejam muito piores que o tormento que eu sofria até agora.

— Esta cabana é minha e fiquei surpreendido ao encontrá-la ocupada, depois de uma ausência de três semanas.

— Muito engenhoso! De modo que Dan Pook, o pistoleiro, tão odiado como temido, procura fazer-me acreditar que não sabia do meu rapto nem da minha situação?

— Você conhece-me?

— Perfeitamente! Vi várias fotografias suas no centro de grandes cartazes com cifras. Não tente enganar-me porque perderia o seu tempo! Nem você nem os seus amigos me assustam.

— Não sei nada sobre o que está a dizer e não compreendo o porquê desses cartazes!

— Não nega que é Dan Pook!

— Não, não nego. Eu sou Dan Pook. Mas há muitos meses que vivo aqui, isolado.

— Entretanto, os seus amigos, dirigidos pelo «advogado frustrado», como lhe chamam, cometeu todo o género de tropelias.

— Não sei nada sobre o que está a dizer, nem tenho amigos.

— Ouvi dizer que era muito esperto, mas não julguei que fosse tão... cínico! E previno-o de que perderá tempo comigo. Prefiro a morte a isso em que está a pensar.

— Lamento deveras que não me acredite, mas reconheço que a não poderia convencer. Será melhor deixá-la sozinha!

— Não quer, antes disso, dar-me um pouco de café? Dan Pook tem fama de ser um homem amável.

— Mas, onde ouviu falar a meu respeito?

— Em Hudson, a minha cidade. Desde há duas semanas que não se fala noutra coisa. O seu assalto ao Banco de River e os seus assassínios em Shoshoni são conversa obrigatória... Você é popular... e repelente. Odeio-o com

toda a minha alma! Meu pai saberá encontrá-lo e vingará o que me fizer.

— Prefere o café muito quente?

— Quanto mais, melhor... Será um bom estimulante. Os seus homens conseguiram assustar-me.

— Eu já lhe disse que vivo aqui. Não tenho amigos, a não ser os que perdi há uns anos.

— Julguei-o mais corajoso... Não pensei que tivesse vergonha em confessar os seus crimes...

— Eu nunca cometi nenhum crime. Se matei algumas vezes, fi-lo para defender a minha vida e, fugindo dessa fama, fiquei aqui, onde nunca pensei que alguém pudesse chegar. Se me contar o sucedido, talvez a possa ajudar.

— Ah!... Já compreendo o seu jogo! É inútil! Procura apresentar-se perante mim como um herói... Dê-me café e cale-se. Não acredito nada no que me diz.

— Está bem.

E Dan ficou calado servindo à jovem o pouco café que restava. Esta, ainda deitada no catre, segurava o púcaro com mão trémula bebendo com ânsia apesar do líquido estar muito quente.

— Oh! Creio que lhe devo agradecer este favor... E por me haver libertado, também.

— Se se atreve a ir sozinha, é melhor partir o mais depressa possível. Eu esperarei aqui esses indivíduos que diz serem meus amigos. Estou desejoso de os conhecer!

— Não continue... Digo-lhe que é inútil.

Ouviu-se, lá fora, um relincho.

— Depressa! Deixe-se cair na cama! Que a não vejam liberta... Eu vou esconder-me ali...

E Dan correu para detrás de um monte de lenha.

— Tem tudo muito estudado, mas não me engana.

— Cale-se! Vem aí alguém!

A jovem soltou uma gargalhada no momento em que um homem de barbas entrou proferindo pragas e maldições.

— Como se soltou esta pombinha? — disse outro que vinha atrás dele.

— Não compreendo... Amarrei-a bem.

— Oh! Vocês representam magnificamente... A comédia torna-se perfeita! — disse a jovem.

Entraram mais dois homens.

— Que estás a dizer?

— Quando é que entra Dan Pook, o herói que vai salvar-me?

— Enlouqueceu — disse aquele que falara, com medo à jovem.

— Muito bem! — e a rapariga aplaudiu. — Eu creio que já pode sair detrás da lenha — acrescentou a rapariga.

Ao acabar de dizer isto, todos olharam para o monte de lenha e, então, surgiu Dan, num salto ágil que, com um revólver em cada mão, ordenou:

— Levantem bem as mãos! Depressa!

Todos obedeceram.

— Quem és tu? Vais pagar o que fizeres — resmungou o indivíduo de barbas.

— E quem são vocês para se apoderarem da minha cabana? Cuidado! Levanta bem essas mãos ou mato-te!

— Muito bem! — disse a jovem. — Agora deveria agarrar-me nos braços e retirar-me-ia daqui. Levar-me-ia ao meu pai e eu diria que fora o meu salvador, recebendo os dez mil dólares que dizem ter oferecido a quem lhe levar a filha... Não se enganam aqueles que dizem ser Dan Pook um homem inteligente!

— Cale-se! Não me ponha nervoso. Vocês, voltem-se de costas.

Quando os quatro obedeceram, Dan colocou-se por detrás deles e desarmou-os.

Ordenou:

— Tu, amarra bem os outros. E amarra-os bem... Eu não me deixarei enganar.

O homem de barbas, que foi indicado por Dan, agarrou numas cordas que se encontravam penduradas e olhou, de revés, para Dan.

— Se tentares uma traição, aviso-te de que será a tua morte. Dan Pook nunca falhou!

— Mas, que vai seguir-se? Já viram que eu adivinhei todo o programa. Se me levar ao meu pai darei ordem para o prenderem.

— Cale-se! — gritou Dan já muito aborrecido. — Tu amarra bem todos eles!

O homem de barbas obedeceu e quando os outros estiveram bem amarrados, Dan verificou os nós e, de repente, bateu-lhe na cabeça com o cano do revólver, comentando quando o viu cair, inanimado.

— Assim, não tentarás nenhuma traição!

Em poucos minutos também ficou amarrado. Tinha as armas no solo, junto dele, quando terminou o seu trabalho. Dan ouviu a jovem rir e dizer:

— Ah!... Esta é a outra parte do programa de que eu não me lembrara.

Dan compreendeu com rapidez o que se passava e fez fogo para a porta. O homem que ali surgira caiu, morto. O jovem não pôde porém evitar que o outro disparasse. E a bala atingiu-o. Dan caiu no solo.

— Perfeito! — disse ela batendo palmas ao mesmo tempo que ria, ruidosamente. — Que imaginação.

Mas parou de rir ao reparar na camisa clara de Dan uma mancha vermelha, que cada vez se tornava maior.

Saltou rapidamente da cama e desabotou a camisa de Dan. O sangue quente sujou os seus dedos, ao mesmo tempo que um daqueles homens amarrados ameaçava:

— Liberta-nos se não queres que te matemos, mais tarde!

II

Quando compreendeu que o ferido não era o que ela pensava e aturdida pelas vozes daqueles homens que não deixavam de praguejar ruidosamente, a jovem não sabia o que fazer. Ia para um lado e para o outro de Dan, compreendendo que ele se salvara por verdadeiro milagre ao matar com o primeiro tiro aquele homem que fizera fogo sobre ele, ferindo-o gravemente.

Voltou a desabotoar a camisa e limpou o ferimento com cuidado, colocando-lhe em cima um lenço molhado.

Dan abriu os olhos e, sorrindo para a jovem, disse:

— A comédia transformou-se em tragédia... não havíamos estudado... bem... os pa... péis... Vá para... casa! Pode haver... por aí... mais... destes homens!

Ela não disse nada, mas Dan sentiu sobre o seu peito nu as gotas quentes de um sincero pranto de arrependimento.

— Ficará curado — disse, finalmente, a jovem. — Eu vou buscar um médico... Há cavalos lá fora?

— Sim... Chama «Leal». Acorrerá um bom cavalo... ele avisou-me com o seu relincho da chegada destes indivíduos... E... Já estou «arrumado»... Não se demore... Vá-se embora... fique em... casa! Deixe o cavalo descer sozinho... ele sabe bem o caminho.

E Dan, depois do esforço despendido para falar durante este tempo, voltou a perder os sentidos.

— Oh! Morreu!

E a jovem cobriu o rosto com as mãos saíndo, cambaleando, entre soluços.

Chamou «Leal», que acorreu, solícito, ao chamamento,

ainda que não fosse fácil convencê-lo a deixar-se montar. Finalmente, acabou por ceder e a jovem, horas depois, entrava em Shashoni, apresentando-se em casa do médico. A sonolenta esposa abriu a porta. A mulher exclamou:

— Mas é a Pamela Griffith! Finalmente, apareceste! Entra, entra!

— Depressa, *mistress* Nolan, avise seu marido. Preciso dos seus serviços!

— Estás ferida? Entra, minha filha, entra!

E a mulher do médico estendeu as mãos a Pamela, com cuidado e assustada.

— Não é para mim... É Dan Pook quem está ferido.

— Não quererás dizer que vens solicitar os serviços de John para tratar esse bandido que te sequestrou.

— Não foi ele quem o fez... Depois contarei tudo... Mas não percamos tempo. Doutor Nolan!

— Vou já, Pamela, vou já! Já ouvi — disse o médico, falando do quarto contíguo.

— John... tu não vais tratar desse bandido. Serias enforcado na praça.

— Dan Pook não é o que se diz dele — afirmou Pamela, peremptoriamente, sem explicar por que o fazia.

— Não foi ele? Então quem foi?

— Foram outros homens que estão amarrados na cabana de Dan Pook.

— Se é assim, vamos avisar o xerife — disse o médico, saíndo apressadamente.

— Não devemos perder mais tempo, doutor.

— São apenas uns minutos. Sabes onde fica a cabana desse Dan Pook?

— Sim.

— Pois vamos!

E o médico, precedendo Pamela, dirigiu-se para casa do xerife, que morava perto. Este depois de lhe darem a notícia demorou um pouco a preparar-se e com o seu ajudante encaminharam-se para o refúgio de Dan. Durante o percurso, Pamela relatou tudo o que lhe acontecera.

— Não compreendo nada disto — disse o homem da insígnia, como único comentário.

Já o sol ia muito alto quando entraram novamente na cabana. Pamela soltou um grito de angústia e de surpresa.

— Não compreendo nada disto — insistiu o homem da insígnia.

Na cabana apenas se encontrava o corpo inanimado de Dan. Os outros tinham desaparecido.

— Onde estão esses homens amarrados de que nos falaste?

— Pois não compreendo, xerife... Não compreendo... Eles estavam ali!

E apontou para o sítio onde ela os vira.

— São estas cordas que você diz que Dan Pook os amarrou?

— Sim!

— Agora já compreendo por que não queria que eu viesse. Não lhe acontecerá nada por confessar que matou esse bandido. Prestou-lhe um grande serviço, *miss* Griffith. Livrou-o da forca!

— Não!

— Este homem ainda está vivo — disse o médico que estava ajoelhado junto do ferido.

— Está vivo? — perguntou Pamela, com emoção.

— Sim... Vive... O ferimento é grave, mas talvez se salve.

— Salve-o, doutor! Eu pagarei o que quer que seja!... Mas, salve-o! Estou arrependida... Ele salvou-me. Se tivesse ficado aqui teria sido surpreendido e teríamos morrido os dois. Vamos levá-lo para Shashoni.

— Durante uns dias não poderá sair daqui — afirmou o médico.

— Mas, *miss* Griffith, curá-lo para quê? Será melhor deixá-lo morrer... Se não for assim, teremos de o enforcar.

— Não, xerife. Tenho a certeza de que está inocente.

— Ninguém poderá acreditar na sua história, *miss* Griffith... Compreendo que não é a primeira que se apaixona por um bandido, mas se disparou sobre ele fez um bem à Humanidade. Estou a ver aqui o revólver que

utilizou. Apenas um tiro. Você maneja bem o revólver.

— Não insista, xerife. Digo-lhe que tudo se passou como eu já contei.

— Então, esses homens amarrados puderam libertar-se e fugir... Não acredito!

— Pois é a pura verdade. Diga-me, doutor, ele salva-se?

— Não sei. Vou fazer o melhor que puder.

— Muito obrigado, doutor. E agora, xerife, muito lhe agradecia que mandasse recado a meu pai, dizendo-lhe que estou bem e que regressarei a casa logo que este rapaz esteja melhor.

— Será que pensa, de facto, ficar aqui?

— Sim.

— Alguém tem de o tratar — disse o médico.

— E não se considerará responsável quando enforcarmos este ladrão de gado?

— Não é um ladrão de gado!

— É, sim! E um trerível *gun-man*. O seu amor por ele não é suficiente. Tenho a certeza de que seu pai pensará como eu. Bonita história! Juro que acreditei em tudo.

— É verdade, xerife! Este rapaz matou um indivíduo que estava aí, à porta. Mas antes amarrara todos da maneira como eu lhe relatei.

— Nunca pensei que uma mulher possuísse tanta imaginação.

Pamela compreendeu que se passava agora com o xerife o mesmo que se passara com ela em relação a Dan Pook. Não acreditavam no que ela dizia.

O médico fez o tratamento e disse:

— Eu tenho de regressar a casa. Voltarei amanhã. Procure que ele não retire o penso. Se o fizesse, poderia ter outra hemorragia e então...

O tom de voz do médico dizia mais do que pudesse acrescentar.

Pamela compreendeu perfeitamente que talvez dependesse da sua vigilância e dos seus cuidados a vida daquele jovem que a salvara com a sua decisão e grande arrojo.

O homem da insígnia e o seu ajudante retiraram-se com o médico.

— Não morri nem estou a sonhar?

— Chist! Cale-se! Não deve falar... O médico diz que deve descansar.

— O médico?

E Dan, ao dizer isto, olhou para um e outro lado.

— Sim, trouxe o médico de Shashoni.

— E outros?

Pamela contou o que se passara.

— Receei que existissem mais.

— Sim e partiram porque recearam que eu voltasse com homens.

— Se eu me encontrar, eu os procurarei.

— Peço-lhe que me desculpe... E agora, vamos a descansar... Nada de continuar a falar.

Pamela pôs-lhe um dedo nos lábios e os seus olhos encontraram-se.

Ela não poderia expressar o que sentiu. Ele fechou novamente os olhos e descansou umas horas.

Assim permaneceram muito tempo e quando a luz do dia voltou, Pamela havia adormecido, cansada, sobre o ombro são de Dan.

Foi o médico quem os despertou e, então, Pamela sentiu como a mão direita de Dan acariciava o seu cabelo.

— Vejamos como vai isto, embora não seja preciso. O seu aspecto indica que está melhor mas deve ter ainda um pouco de febre. Traz essa água, Pamela.

Ela ajudou o médico, em silêncio.

— É uma questão de dias... Você é um homem forte e vencerá o mal com facilidade — comentou, sorrindo, o médico.

Quando terminou o tratamento, Pamela saiu com o médico.

— Pamela... o xerife não se deixou enganar e pediu-me para que logo o possamos transportar o avise. Virão buscá-lo para o meterem na prisão de Shashoni... Creio que pensa receber os prémios que oferecem por ele, entre os quais os dez mil dólares de teu pai.

— Eu direi para não lhos dar!

— Não terá outro remédio. Ofereceu-os publicamente e este é Dan Pook, não há qualquer dúvida. Embora a

foto seja de quando ele era mais novo, pode verificar-se que é ele, de facto.

— Mas Dan Pook não é o que vocês julgam.

— Tu não sabes nada, Pamela. Ainda que admitindo como verdadeiro o que disseste que sabes tu a respeito dele?

— Eu deixo-me levar por palpites, doutor, e tenho a certeza de que ele não é mesmo como eu pensava.

— Não confies em palpites...

— Doutor... Diga-me que não comunicará ao xerife as melhoras de Dan sem me avisar antes.

— Que pretendes fazer?

— Não tenha receio... Até lá terei conhecido melhor este rapaz.

— E ficarás apaixonado por ele. Será melhor que vás para tua casa e que este rapaz seja encerrado na prisão. Seria uma grande infelicidade para ti apaixonares-te por ele.

— Não tenha receio, doutor... Eu não me apaixonarei...

— Eu diria que já estás...

Ela baixou os olhos, confusa, e não respondeu. Quando deixou as suas meditações o médico já tinha partido.

Ao entrar na cabana, Dan olhou-a com atenção.

— Nunca poderei esquecer as suas atenções, *miss*...

— Pamela Griffith é o meu nome.

Dan abriu muito os olhos, dizendo:

— Não deve ser o seu pai! Não pode ser!

— Continue... O meu pai chama-se James Griffith.

— Não... não!

E Dan perdeu os sentidos.

— Dan, Dan! Que tem? Por que razão o nome de meu pai o incomoda tanto?

Pamela não podia compreender o motivo. Por isso, quando minutos depois ele abria os olhos, perguntou-lhe:

— Dan... que relação existe entre o meu pai e as suas recordações?

— Oh!... Não é nada... Não foi essa a causa do meu desmaio. Não me sinto bem! Deve ser pelo sangue que perdi.

Pamela compreendeu que a enganava mas não houve

meio de lhe fazer dizer a verdade e isto preocupou-a imenso, sentindo verdadeiros desejos de ir a sua casa e perguntar ao pai se conhecia Dan Pook.

Dan, desde que soubera o nome de Pamela, evitava fixar-lhe os olhos e mantinha-se num mutismo quase absoluto.

Ela tratava-o com solicitude e muito cuidado.

— Quando vier o médico, *miss*... Pamela, peço-lhe que solte uns cavalos que eu deixei, em baixo, junto do vale, na parte larga da pradaria. Um deles é o último que lacei.

— Eu irei procurá-los... Assim, distrair-me-ei um pouco.

— «Fugidio» é ainda um pouco rebelde, talvez não se deixe dominar por si.

— Conheço bem de cavalos, não tenha receio...

E Pamela desceu com o «Leal» que a ajudaria a encontrar os outros cavalos visto que sabia que «Pat» passara muitos dias na sua companhia.

E não se enganou. Foi «Leal quem saudou com um relincho a que «Pat» respondeu da mesma maneira. «Fugidio» continuava peado no mesmo sítio onde Dan o deixara.

Este sorriu quando soube que os dois cavalos estavam na planície.

III

Pamela passava as horas tratando dos cavalos, especialmente, de «Fugidio», de quem se tornou muito amiga.

E numa grande camaradagem, apenas interrompida pelas visitas diárias do médico, decorreu uma semana e uma manhã, muito cedo, o xerife, na companhia do médico e do pai de Pamela, apresentou-se na cabana. Era esta a visita que ela temia, visto que já tinha notado que o médico não se atrevia a avisá-la quando pensasse comunicar na cidade as melhoras de Dan.

Por isso, quando «Leal» os preveniu das visitas, a rapariga agarrou, com grande rapidez, nas armas de Dan e, entregando-lhas disse:

— Toma, Dan... Já as podes manejar. Esconde-as debaixo da manta e não hesites em utilizá-las para salvares a vida. O médico vem aí com alguém. Ouço várias vozes.

— Deve ser o xerife.

— Certamente. Mas não vais deixar que te levem daqui sem qualquer oposição. Toma, guarda um revólver. Eu ficarei com outro. Não sorrias. Não julgues que eu o não sei manejar...

— Não é possível, Pamela, não compreendes? Olá, doutor, bons dias! Ah! É o xerife quem hoje o acompanha.

— Pai!

E Pamela correu a abraçar o pai.

— Não compreendo, Pamela, como fizeste isto. Devias calcular a inquietação em que todos vivíamos e preferiste ficar aqui sozinha, com um desconhecido que, por aquilo que afirma o xerife, é um bandido pelo qual se oferece uma boa recompensa.

— Não és justo, pai. Este rapaz arriscou a sua vida para me salvar do maior dos perigos para uma mulher digna. Não o podia abandonar... Além disso, essa recompensa foi oferecida por crimes que ele não cometeu.

— Ele não iria confessar os seus crimes quando pretendia que te apaixonasses por ele.

Dan olhava fixamente, sem dizer nada, para o pai de Pamela.

— Eu garanto-te, pai, que ele não assaltou o Banco nem cometeu os crimes de que o acusam.

— Creio que se não foi ele pessoalmente... teriam sido os seus homens.

— Ele não tem ninguém... Vive aqui sozinho.

— E como conheciam os outros esta cabana? — perguntou o homem da insígnia

— Não sei... Foi por acaso.

— Será melhor que o deixe responder, *miss* Griffith — insistiu o xerife.

— Eu nada tenho a dizer... Já sei que não seria acreditado e não desejo perder tempo. A única coisa que me interesse é que não duvides de mim, Pamela.

— Não duvido, Dan. Podes ter a certeza.

— Esta familaridade é inadmissível! A minha filha, a herdeira mais rica destes vales, passando os dias e as noites na companhia de um ladrão de gado!

— *Mister*... Griffith... peço-lhe que não me insulte e que respeite a minha casa. A lei da hospitalidade impede-me de responder como merecem as suas palavras, mas ela também o obriga a comportar-se de outra maneira.

— Esta casa não é sua... Estes terrenos são propriedade de todos.

— A lei da ocupação ainda está em vigor no Oeste... Desse assunto sei eu mais que o senhor...

— Pai... não deves discutir com Dan.

— Este homem será enforcado dentro de dias. Logo que possa mexer-se.

— O senhor vai pagar ao xerife uma boa recompensa... Mas devia dar esse dinheiro à sua filha. Segundo a teoria do xerife, foi ela quem me feriu.

— Tu bem sabes, Dan, que não fui eu...

— Isso não acredito eu. O que eu penso foi o que eu disse, e não tenho dúvidas nenhumas.

— Então você não tem direito à recompensa.

— Mas se *miss* Pamela afirma que eu não o feri, sou eu que o prendo.

— E se foram os outros que me feriram, isso quer dizer que não eram homens meus.

— Deixemo-nos de palavras e só palavras... Prepara-te Pamela! Vamos para casa!

— Lamento, pai! É a primeira vez que não lhe obedeço. Eu fico a tratar de Dan.

— Os homens do xerife, que não tardarão a chegar, encarregar-se-ão disso.

— Eu disse que ficava aqui!

— E eu disse que não ficavas ou!...

— Não me interessa nada o que possas pensar, nem a ameaça que ias proferir. Eu disse que ficava aqui e assim será!

— Pamela... Teu pai tem razão. Deves ir com ele.

— Pois não irei nem mesmo que tu queiras.

— Pamela!

— Pai!

— Repito que vamos para casa. O xerife proíbe-te de ficares aqui. Este homem pertence-lhe e é ele quem há-de determinar quem serão os seus guardas.

— Se me obrigas a isso... sairia de casa para sempre!

— Bem dizia eu que ele pretendia que esta rapariga se apaixonasse por ele. Primeiro, arranca-a de casa e, depois, prepara toda a cena de maneira a ela apaixonar-se.

— Eu não arranquei Pamela de parte alguma. Não a conhecia até encontrá-la amarrada e amordaçada na minha cama.

— Cale-se!

— *Mister* Griffith, peço-lhe que não levante a voz aqui dentro. O senhor está na minha casa!

— Vamos, Pamela!

E *mister* Griffith puxou pelo braço da filha.

— É inútil, pai... Nem à força eu sairei daqui. Apenas morta conseguirás retirar-me daqui!

— E tudo por causa desse bandido.

E o pai de Pamela ia levar as mãos às armas.

— Quieto, pai! Levanta as mãos!

— Pamela!

— Previno-te de que dispararei sobre ti se não me obedeceres. Vocês levantem, também, as mãos!

E a rapariga apontava o revólver aos três.

O homem da insígnia leu nos olhos da jovem a decisão de disparar e obedeceu.

— O que estás a fazer, Pamela, é uma loucura... Deixarás de ser minha filha!

— Vamos, xerife!

E *mister* Griffith deu meia volta.

— Um momento, *mister* Griffith — disse Dan. — Pamela deves ir com o teu pai. Se continuares aqui comigo a tua reputação ficará em perigo.

— Nada que não sejas tu me interessa. Eu sei que continuo a ser digna e isso é a única coisa que me interessa! Podes partir, pai! Voltem-se de costas! Vou desarmá-los antes de partirem.

Pela surpresa que estas palavras provocaram, sua filha compreendeu que ele pensava praticar uma traição.

— Não podes fazer isso... O vale e a montanha estão cheios de perigos e se formos desarmados...

— É Dan quem me preocupa e não hesitariam em disparar sobre ele, apesar de ele estar de cama, através da janela. Obedece!

Por entre pragas que surpreenderam Pamela, *mister* Griffith obedeceu, sendo desarmado pela própria filha.

Pouco depois saíam os três.

IV

— O que tu fizeste foi uma loucura, Pamela.

— Não podia deixar que eles ficassem com as armas. O meu pai é um caprichoso e não admite ser contrariado. Eu sei que se não lhe tivesse tirado as armas, matar-te-ia à traição. O meu pai mete-me medo!

— Apesar de tudo, não o devias ter feito.

— E agora vais levantar-te imediatamente e sairemos daqui!

— Pamela!

— Não quererás, certamente, que os homens do xerife te surpreendam... Eles virão imediatamente.

— E para onde vamos?

— Depois, decidiremos pelo caminho. De momento interessa afastarmo-nos daqui.

— Não poderemos ir muito longe. Esqueces-te de que sou um «reclamado».

— Isso não nos deve interessar.

— Tu não podes ligar a tua sorte à minha. Eu serei enforcado logo que me apanhem.

— Procuraremos que isso nunca aconteça. Iremos para o Novo México. Há muitos pesquisadores de ouro. Misturar-nos-emos com eles e talvez tenhamos sorte. Mudarás de nome.

— Não tenho motivos para o fazer.

— Pois terás de o fazer. Agora deves obedecer-me. Eu sou o chefe.

Dan sorriu e, aproximando-se dele, beijou-o.

— Será que não compreendes que te amo mais que à própria vida?

— Está bem. Iremos a Thermópolis esta noite e aí casaremos. Já estou muito melhor. Quase não me dói.

— A ferida está bem fechada. O médico não quis dizer a verdade para não ter que enfrentar a Lei. A todos enganou, inclusivamente a nós.

Dan levantou-se e Pamela exclamou:

— Ficaste muito fraco.

— Bem depressa engordarei. Estar próximo de ti será o melhor estimulante.

— Dan, e não tens qualquer inconveniente em casares comigo?

— Oh!... É verdade! Será melhor que vás para junto da tua família.

— Mas que é isso?

— Não posso dizer-te... Pergunta a teu pai. Ele sabe e talvez te diga. Ainda não tens a idade exigida e o nosso casamento não seria válido sem o consentimento de teu pai. Seria um novo delito, piorando a minha situação.

— Não quero que cases comigo à força. Se quiseres casar terás de ter tanto amor por mim como eu tenho por ti.

— É que eu... Pamela... não te amo... Estimo-te muito como boa rapariga que és e agradeço-te muito o que fizeste por mim, mas nada mais!

Pamela ficou muito séria e, depois, começou a chorar.

— Está bem! Não quero ser um estorvo para ti... Mas foge! Vai para longe! Eu pensarei sempre em ti!

— Se algum dia houver possibilidade de te amar como tu mereces irei buscar-te a tua casa se ainda continuares à minha espera.

— Esperar-te-ei sempre porque se não casar contigo não casarei com mais ninguém.

Dan sentiu desejos de puxar a rapariga para si e cobri-la de carícias porque a verdade era que amava Pamela, mas entre os dois existia um abismo que inconscientemente estivera quase a transpôr.

— Vou obedecer-te, Pamela... Partirei para longe. Irei para o Novo México. Fugirei deste Estado em que por influência de teu pai e pela vingança do xerife, eu seria encurralado como uma fera. Tu vai para casa.

Enquanto falava, Dan ia recolhendo tudo o que queria levar. Dirigiu-se para a porta e assobiou aos seus cavalos, acorrendo «Pat» e «Leal». «Fugidio» fê-lo ao chamamento de Pamela que abraçou, chorando, o seu pescoço.

— Não te despeças dele, Pamela... Leva-o contigo. É teu! Que ele te faça pensar algumas vezes em mim. Por o ter perseguido é que aconteceu tudo isto. Mas esse cavalo bem vale o que se passou.

— Aceito, Dan, e agradeço-te. Podes ter a certeza de que tratarei dele como tu o farias.

— Eu sei que ainda o tratarás melhor... — tenho a certeza!

— Podes ter... Mas não te demores mais... Vai-te embora...

Dan não disse mais nada. Em silêncio, ultimou os preparativos e quando terminou, abraçou Pamela sem poder proferir uma palavra. Se o tivesse feito teria revelado a sua emoção, pondo a descoberto os seus verdadeiros sentimentos.

Saltou sobre «Pat», depois de carregar «Leal» com tudo o que levava. Sem voltar a cabeça, partiu.

Ela deixou-o ir e, a seguir, entrou na cabana, onde chorou convulsivamente, beijando o sítio onde ele estivera tantas horas, lutando contra a morte.

Uma vez serenada, rebuscou, por todos os lados, procurando ver se ficava alguma coisa que pudesse comprometer Dan e encontrou aqueles cadernos, onde havia muitas páginas escritas com letra miudinha. Era o «diário» de Dan, e então compreendeu que o deixara ali propositadamente para ela o ler. E assim fez, mas receosa de que chegasse a noite envolveu-o, cuidadosamente, uma manta e montou no «Fugido», que dirigiu para Shashoni, onde tinha a certeza de encontrar seu pai.

Quando chegou ao escritório do xerife onde se encontrava seu pai, este correu ao seu encontro, dizendo:

— Fico satisfeito por ver que recuperaste o juízo. Vamos para casa?

— Sim.

Não pôde dizer mais nada. Os olhos cheios de lágri-

mas e a garganta apertada pela angústia não lho permitiram.

— E aquele rapaz? — perguntou o xerife.

— Ficou lá.

— Amanhã, os meus homens irão buscá-lo. Hoje não quis que lá fossem com receio de que vocês os recebessem a tiro de espingarda. Ele maneja as armas como poucos.

— Ainda não o pode fazer... Está fraco.

— Melhor. Assim não poderá impedir os meus planos. Bem depressa será enforcado nesta praça!

— Eu garanto-lhe, xerife, que Dan não é responsável pelo que o acusam.

— O amor é mau conselheiro!

— Não é porque eu esteja apaixonada, pai. Eu conheço Dan melhor que vocês!

Pamela decidiu informar-se com habilidade e astúcia sobre o género de abismo de que Dan falara e como conhecia seu pai, tinha a certeza de que nada conseguiria se lhe perguntasse directamente.

V

O xerife mobilizou todos os vaqueiros dos arredores ao tomar conhecimento da desaparição de Dan Pook. Mas os homens haviam regressado horas depois, convencidos da inutilidade em continuarem atrás dele. Desaparecera sem deixar rasto e sem que alguém lhes pudesse dar qualquer indicação. Parecia que a terra o havia tragado.

Pamela, acompanhada por seu pai, chegou a casa, fechando-se no quarto com sua mãe durante muito tempo. Possivelmente, a mulher de Griffith dar-lhe-ia qualquer indicação sobre o que tanto a preocupava. Confessou a sua mãe o grande amor que sentia por Dan, com todos os pormenores, o mais minunciosos possíveis, da sua permanência na cabana.

As feições da mulher não se perturbaram, mas acabou por dizer:

— Esse rapaz nunca se casará com uma Griffith...

— Por que dizes isso, mãe?

— Porque tu... és a rapariga mais rica destes vales e o teu pai não vai autorizar que te cases com um aventureiro, um *gun-man*.

— Não! Não é por isso... Existe qualquer coisa entre meu pai e Dan... Qualquer coisa que eu não sei e de que, tenho a certeza, serei eu quem terá de sentir vergonha quando souber as causas dessa situação.

A mãe não disse mais nada.

Decorreram muitos dias e Pamela já ia perdendo a esperança de saber alguma coisa sobre Dan, mas tranquilizava-a a certeza de que esse silêncio representava

para o homem amado. Isso queria dizer que ele não fora descoberto.

Um mês depois de se haver despedido dele, quando ia entrar na sala de jantar ouviu o seu pai falar com outros homens e ficou à porta escutando contra sua vontade e sem saber por que o fazia.

— Garanto-lhes que tudo isso é obra de Dan Pook — dizia o pai. — Conheço-o bem há muito tempo. De muito novo que começou a lidar com as armas e de maneira tão excepcional que nos vales do Sacramento viveu de assaltos e do «imposto do medo».

— Que é isso do «imposto do medo»?

E Pamela não reconheceu a voz do indivíduo que fizera a pergunta e espreitou, cautelosamente. Viu que eram desconhecidos para ela e que um deles exibia uma estrela de xerife.

— Assim se chamava entre os pesquisadores ao imposto que os *gun-man* os obrigavam a pagar. Estes uniam-se, por grupos, a fim de garantir aos seus contribuintes a tranquilidade das «reservas» conseguidas.

— E esse Dan era um deles? Então deverá ter muito dinheiro.

— Não sei... Era um esbanjador, muito amigo do jogo, das bebidas e das mulheres... Não falemos disso!

— Em Shashoni diz-se que sua filha se apaixonou por ele.

— Sim, mas prefiro vê-la morta a que ela leve a sua avante. Procurava apenas o meu dinheiro. Por isso, combinado com os seus homens preparou tudo aquilo e fez crer a minha filha que fora ferido para a salvar.

— E não foi assim?

— Não... Eu não quis dizer a verdade a minha filha. Foi porque havia outro que se apaixonou por ela.

Pamela ouvia-o com ansiedade.

— Então foi um simples problema de rivalidade.

— Apenas isso.

— E não teve mais notícias dele?

— Não creio... Eu vigio atentamente os movimentos de minha filha. Não sabe nada dele. Confio, porém, que ele faça alguma coisa para tornar a vê-la e então... Temos

uma conta pendente, eu e ele, desde há anos. Roubou-me no vale do Sacramento todo o ouro que eu e outro amigo havíamos conseguido. Este amigo foi assassinado, uma noite em que regressava da cidade. Tenho a certeza de que foi esse Dan Pook... Trabalhava ao nosso lado e desapareceu.

— Isso foi há muito tempo?

— Há uns sete anos. Esse Dan Pook era, então, quase um garoto.

— Por que não o denunciou?

— Ainda não há outra lei que não seja a do revólver... Jurei matá-lo onde quer que o encontrasse e se não o fiz quando estava com minha filha foi por causa dela... Quando regressei à sua procura já ele havia desaparecido. Ele conheceu-me perfeitamente e, por isso, desapareceu.

— Pois se esses homens que foram descobertos nas proximidades são do grupo dele, o senhor deve ter muito cuidado. Pelo que nos diz, esse Dan Pook deve ser muito perigoso com as armas nas mãos.

— Perigosíssimo! Se eu soubesse que é ele quem vagueia por aqui, bem depressa o teria em meu poder. A minha filha, sem o saber, ajudar-me-ia.

Pamela sorriu tristemente, afastando-se da porta, com a sua alma invadida por um mar de confusão.

Se tudo o que o seu pai dissera fosse verdade, e ela respeitava muito seu pai, a quem idolatrara até que Dan surgira na sua vida, isso queria dizer que o homem amado não merecia o seu amor e que se fora ferido isso se devera, como acabava de ouvir, a uma rivalidade... Ele queria para si a jovem desejada.

Mas, de repente, deteve-se... Se era assim, por que não quisera que fosse com ele?

O ruído de um grupo de cavaleiros ao pararem à porta deteve o tropel dos seus pensamentos.

Vários passos, acompanhados do tenir das rodelas metálicas das esporas misturaram com gritos saídos de várias gargantas.

— *Mister* Griffith! *Mister* Griffith!

Que teria acontecido, perguntava Pamela a si própria. E regressou para escutar novamente.

— Que se passa? — ouviu seu pai perguntar.

— Dan Pook está na cidade!

O coração ameaçava sufocá-la.

As pernas de Pamela tremiam violentamente e teve de se agarrar fortemente à porta para não cair.

— Quem foi que o viu? — voltou a perguntar o pai de Pamela.

— Wild viu-o. Está em casa de Morgan e não se atreveram a fazer nada porque estava muito vigiado. Perguntou por Pamela.

Um suor frio cobria a testa da jovem.

— Nós iremos... Pamela é sua filha, não é verdade, *mister* Griffith?

— Sim. Eu já sabia que os roubos destes dias eram obra desses bandidos.

— Mas não nos escapará. Temos de agir habilmente. Cercaremos a casa de Morgan. Ah! A primeira coisa que temos de fazer é afastar os cavalos da porta. Assim, se conseguisse sair da casa, não poderia ir longe e seria caçado.

Pamela não quis ouvir mais nada. Saiu de casa como uma louca e montando no «Fugidio», em pêlo, dirigiu-se a casa de Morgan, que estava situada a duas milhas, distância que separava o rancho de Griffith da cidade.

Desmontou sem fazer parar o cavalo e entrou como um furacão no armazém que fazia as vezes, segundo era necessário, de bar e agência funerária.

Dan levantou-se e foi ao encontro da enlouquecida jovem, que se lançou nos seus braços, dizendo-lhe em voz baixa, ao mesmo tempo que o beijava perante o assombro dos presentes.

— Vai, Dan, vai-te embora! Meu pai e um xerife desconhecido, acompanhados de muitos homens vêem para aqui!

— Eu não me meto com ninguém.

— Esqueces-te de que és um «reclamado». Acusam-te dos roubos que aqui se verificam.

— Sim... Agora todos se aproveitam dessa forma... Estive em Cheyenne. A fotografia para os cartazes foi

cedida por *mister* Griffith, de Hudson... Venho falar com ele!

— Não, Dan, é meu pai... e está muito aborrecido desde que lhe roubaste o ouro e mataste o seu sócio no vale de Sacramento.

— Ele disse-te isso?

— Ouviu-o dizer a esse xerife que eu não conheço.

— Sim, é o xerife de Grebo. É ele o encarregado de me perseguir, devido à pressão de teu pai...

— Vai-te... Vai-te!...

— Não, não posso partir!...

— Vão cercar a casa e deixar-te sem cavalos.

— Vamos! Mas voltarei...

— Não, Wild! Isso não! — gritou Pamela, ao ver que um homem levava as mãos às armas.

— É a segunda vez que te devo a vida — disse Dan, ao mesmo tempo que disparava contra Wild que caiu para a frente, sem vida.

— Oh! Mataste-o!

— Era o que ele ia fazer-me... Os outros pensarão duas vezes antes de o imitarem.

— Eles vêm aí! — gritou Pamela.

O grito não era necessário porque os que se aproximavam disparam as suas armas contra Dan. Mas este, antes de desaparecer pela rua próxima, provocou a admiração de todos com aquela manobra de extraordinário cavaleiro e atirador seguro.

Oculto por um cavalo e apoiando todo o corpo apenas num dos estribos meteu o animal a galope, ao mesmo tempo que por cima da sela a que ia seguro com uma das mãos fez fogo contra o grupo, com tal rapidez que, em poucos segundos, os cinco tiros, que restavam fizeram cais outros tantos cavalos, não dando assim aos seus inimigos a possibilidade a seguirem-no. Mas Pamela, que ia junto dele, ao ver que «Pat» estava ferido, desmontou e cedeu-lhe o «Fugidio» e Dan não recusou a oferta. Aproveitando o facto de ninguém os ver por estarem ocultos na travessa seguinte ao *saloon*, saltou sobre o «Fugidio», ao mesmo tempo que dizia:

— Voltarei, Pamela, e diz a teu pai que o meu jura-

mento se mantém. Que se o não matei agora foi apenas por ti... Diz-lhe isto!

E, obrigando o «Fugidio» a galopar, desapareceu da cidade.

Pamela, junto de «Pat», viu que apenas o haviam ferido numa das patas. O animal olhava para o sítio por onde Dan desaparecera, e Pamela encheu-se de pena ao ver a tristeza do animal, que apenas faltava poder demonstrar, com palavras, a sua amargura.

— Então foste tu que o avisaste? — ouviu dizer atrás de si.

Voltou a cabeça e deparou com o olhar de seu pai que parecia irradiar lume.

— Sim, pai. Ouvi o que pretendiam fazer e vim preveni-lo. Dan é bem o contrário daquilo que vocês pensam.

— Sim, eh? Pois ele praticou várias mortes e devia tornar você responsável por elas — disse o xerife, que se encontrava ao lado de seu pai.

— Eu não quis fazer mal a ninguém. Dan não é um bandido, como vocês pensam. Não faz mais que defender-se.

— É um fugitivo, um «reclamado» e terá de responder por muitos crimes e roubos.

— Não acredito que ele seja o autor de nada disso de que o acusam.

— Tu não te vais meter novamente nestes assuntos...

— Estás enganado, pai. Meter-me-ei sempre que souber que Dan está em perigo.

— Vamos em sua perseguição?

— Seria inútil, xerife. Ele leva o cavalo que ofereceu a minha filha. É o mais veloz que até hoje aqui existiu. E se levarmos em linha de conta o avanço que tem sobre nós apenas o poderíamos alcançar depois de muitas e muitas milhas percorridas.

— Se o conseguissem. O «Fugidio» rir-se-ia, isto é uma maneira de dizer de todos os cavalos que o perseguissem — acrescentou Pamela.

— Minha filha agora tem razão.

— A sua filha estragou-nos a melhor caçada do ano. Já não poderemos surpreender Dan Pook.

— Não escapará, pode ter a certeza. Eu encarrego-me disso!

Pamela tremeu ao ouvir estas palavras nos lábios de seu pai.

VI

Dan não se deteve até chegar a Bairoil e durante o trajecto não deixou de pensar que se não fosse Pamela ele já não viveria há muito tempo. Devido a ela se salvara, embora gravemente ferido, quando se encontrava na cabana e devido também a ela não fora agora surpreendido em Hudson, impedindo que aquele indivíduo que estava junto da porta do estabelecimento tivesse disparado sobre ele, à traição, como sem dúvida era o seu propósito.

E à força de pensar nisto chegou à conclusão de que não devia voltar a Hudson durante uma larga temporada. O pai de Pamela estaria vigilante, principalmente se ela lhe tivesse dado o recado que lhe pedira.

Pensava como o Destino era caprichoso ao fazer com que a mulher que o conseguira prender pelo amor mais sincero que jamais sentira, fosse precisamente a filha do homem odiado, que não teria outro remédio se não matá-lo, agora que sabia onde se encontrava.

Durante alguns meses procurou-o por vários sítios sem encontrar a menor pista e quando já começava a esquecer o assunto aparecia perante os seus olhos o repelente personagem que ele, solenemente, jurara matar, ainda que tivesse de procurar o mundo de ponta a ponta.

Recolhido na sua cabana e dedicando-se à caça dos cavalos selvagens, em que passava muitas horas, ia esquecendo, pouco a pouco, o seu juramento e a sua promessa.

Pamela não podia ser responsável pelos crimes de seu pai, mas ele também não podia deixar de lhe aplicar

o castigo que merecia. E por muito grande que fosse o seu amor, e só ele sabia quanto amava a rapariga, agora que sabia onde encontrar Griffith não deixaria de o castigar, partindo depois para muito longe.

Desde que soubera quem era o pai de Pamela decidira renunciar a este amor. Voltaria a refugiar-se noutra montanha e viver apenas para os seus cavalos.

Lamento muito o que acontecera a «Pat», cavalo que para ele era um fiel e leal companheiro. Teria de trabalhar muito com «Fugidio» até este se habituar à sua mão e aos seus hábitos e, dali em diante, fá-lo-ia recordar-se de Pamela, a rapariga que se antecipara aos traidores para o avisar do grande perigo que corria.

★

Em Bairoil verificou haver muito movimento nas ruas e bem depressa soube que vários ranchos dos arredores haviam acordado em festejar juntos o «rodeo» para marcarem as suas crias. Apesar de continuar a febre do ouro, eram muitos os desiludidos que encontraram na criação de gado e na exploração de terras a fortuna que procuravam afanosa e inutilmente na pesquisa dos cobiçados metais.

Wyoming ia sendo colonizado com o afluxo de aventureiros que haviam partido para a Califórnia e com aqueles que tinham chegado de todas as partes do globo com igual desejo.

Não foram poucos os que pensaram que nesses vales e nas belas pradarias se poderia criar o gado que o excesso de população da parte da Califórnia necessitava para a sua manutenção. E, assim, iam sendo criadas granjas e ranchos, encontrando-se agora Dan na zona que desfrutava de melhores condições para, em todo o Estado, alcançar esses fins.

O «rodeo», costume que nasceu da necessidade de marcar os vitelos criados em liberdade e pertença de vários indivíduos ou sociedades, permitia evidenciar a habilidade dos vaqueiros, habilidade esta de que os vários Estados se monstravam orgulhosos, sendo os do Texas,

por caminharem na vanguarda em assuntos de gado, os que venciam quase sempre. Mas o Wyoming ia despertando com rapidez do letargo em que por falta de hábito nestes assuntos se encontrava, e os seus vaqueiros, graças aos belos cavalos que se criavam nos seus prados e montanhas, iam proferindo e transformando-se nos melhores cavaleiros. A sua fama já se estendia a toda a União.

Os jovens passeavam com arrogância exibindo camisas de flanela, aos quadrados, de cores vivas e nas botas altas de montar, bem lustrosas, as grandes esporas de prata diziam das suas presunções como cavaleiros.

Dan passeou entre eles com o seu cavalo em pêlo, recebendo olhares de desprezo ou de comiseração.

Deteve-se em frente de um *saloon* onde viu amarrados à barra transversal muitos e bons cavalos, mas junto dos quais «Fugidio» se podia sentir vaidoso. Assim pensavam também muitos transeuntes e curiosos que se detinham a admirar o belo animal.

Esta atenção incomodou Dan, porque se viessem a persegui-lo bem depressa saberiam que ele estava ou estivera ali. Levar a festas um cavalo sem arreios era excessiva publicidade. Isto é o facto de não poder castigar Griffith, vendo-se obrigado a fugir, ainda que, na realidade, soubesse que o fizera por Pamela, mantinha-o furioso e entrou no *saloon*, depois de deixar o «Fugidio» em tão elegante companhia para ver se um bom trago de uísque acalmava a sua excitação.

Enquanto se aproximava do balcão ia fazendo contas às suas possibilidades financeiras, franzindo o sobrolho, verificando, desgostoso, que não podiam ser mais reduzidas. Possuía, apenas, um dólar e quarenta cêntimos e ainda que não fosse muito forte o seu apetite, não deixou de pensar que, por motivo dos festejos, as bebidas seriam mais caras que noutras cidades, claro que sem chegarem aos preços de Sacramento onde algumas «pepitas», e não das mais pequenas, eram necessárias para pagar uma garrafa de uísque.

Apoiou os cotovelos no balcão, depois de deitar o chapéu para trás, deixando a descoberto a sua ampla testa, queimada pelo sol e pelo vento. As mangas da camisa

arregaçadas permitiam admirar os fortes braços, da mesma cor da tostada testa e, enquanto o atendiam, olhou, com curiosidade, para um e outro lado do estabelecimento, estranhando encontrar vários rostos conhecidos, pelo que obrigou a sua memória a fazer um esforço a fim de se lembrar dos locais em que vira cada um daqueles rostos e as circunstâncias que haviam rodeado aqueles conhecimentos.

A alegria era geral e, acompanhados na algazarra por uns músicos de instrumentos desafinados, iniciou-se um baile que fez oscilar todo o simples e rústico mobiliário de *Lua de Ouro*, como era chamado o estabelecimento.

Dan pediu várias vezes o uísque e quando o serviram, bebeu-o de uma vez, pedindo outra dose, sem perguntar, previamente o preço.

Estava a beber novamente quando sentiu que lhe batiam nas costas. Voltou-se e encontrou-se perante um daqueles rostos conhecidos e que não pôde localizar no rol das suas recordações.

— Nós conhecemo-nos de qualquer parte, não é verdade? — disse-lhe o outro.

— Não sei... Eu não me lembro de ti.

— Pois eu tenho a certeza de que já nos encontramos em qualquer parte.

— É possível.

— Tu estiveste na «febre do ouro», não é verdade?

— Andei, de facto, pelo vale do Sacramento, mas não me lembro de te ter visto.

— Insisto em que tenho a certeza. Eu depois me lembrarei onde nos conhecemos. Agora podemos beber juntos.

— Eu não tenho dinheiro, lamento...

— Não disse que serias tu a pagar. Serei eu quem terá esse gosto. Vem para aquela mesa. Estamos ali vários amigos. Vieste sozinho?

— Sim.

— Não tenhas receio que não te aborrecerás. Vieste tomar parte nos concursos?

— Não.

— Não? Será possível? Pois deves ser o único que não vem com intenção de conquistar os prémios!

— São valiosos?

— Mas de onde vens tu que não sabes as notícias mais importantes? São vários milhares de dólares e concorrem os melhores vaqueiros de todo o Oeste.

— Então assistirei se não demorarem muito a realizar-se.

— Muito? Se começam hoje mesmo! Vais ver o que é bom. Vem, irás conhecer os meus amigos.

Dan deixou-se conduzir e foi apresentado àqueles homens, cujo nome ouviu sem lhes dar importância, até que um deles ressoou no mais profundo do seu ser, fazendo-lhe lembrar, de repente, onde conhecera alguns daqueles rostos.

— Nós já conhecemos... — disse o chamado Kean, cujo nome despertara as lembranças de Dan.

— Isso disse eu para comigo, mas não consigo lembrar-me de onde.

— Mas eu sei. És Dan Pook, o célebre *gun-man*. Não, não te preocupes. Não penso suicidar-me. Conheço a tua destreza e tinha a certeza de que vens tomar parte nos concursos.

— Estás enganado! Disse-me que não o pensa fazer... Afirmas que é Dan Pook? Cala-te! É verdade! É tal e qual como está nos cartazes! Se o xerife daqui o conhecer como nós já não haverá festejos tranquilos!

— Não tem nada a recear. O xerife concedeu um indulto e todos os «reclamados» durante os dias que durar o «rodeo» e poderão tomar parte nos concursos.

— Estamos de parabéns. Dan poderá concorrer com o revólver e assim não haverá quem nos ganhe um prémio. Todos serão para nós!

— Eu não penso concorrer. Não concorrerei!

— Mas estás louco! Não tens dinheiro e não queres ganhar o monte de dólares que, sem dúvida, conquistarás.

— Eu disse que não concordarei. Talvez me vá embora hoje mesmo, à noite.

— Não te compreendo, Dan... Enfim, que nos dêem de beber.

E Kean, ao dizer isto, piscou um olho aos seus companheiros, compreendendo estes o que ele pretendia.

— Sim, sim. Que tragam uísque.

Meia hora depois, todos os reunidos estavam faladores, devido ao uísque, menos Dan que quando compreendeu que seria perigoso continuar a beber deixou de o fazer, verificando que, sem querer, os outros haviam caído na sua própria armadilha. E foi ele quem, aproveitando o estado de embriaguez dos seus companheiros os fez falar.

— Ouve, Kean... Creio que tens razão... Nós conhecemo-nos na Califórnia... Não estavas por lá com um tal Griffith? Que foi feito dele?

— Oh!... Bem... dizia eu que ele era muito esperto... Desapareceu.

— Não voltaste a saber dele?

— Não... e pensei muitas vezes se terias cumprido o teu juramento... Eu assisti... Sim... Deviam matar esse cobarde do Griffith... Mas, cala-te!... Agora me lembro... eu vi aqui um tipo que eu conhecia mas não sabia de onde... É um dos homens que estiveram com ele.

— Aqui?

— Sim... espera... eu hei-de encontrá-lo.

E, ainda que com dificuldade, cambaleando, Kean conseguiu levantar-se. Mas Dan obrigou-o a sentar-se, novamente. Também ele vira o homem a quem Kean se referia e lembrava-se agora, perfeitamente, de quem ele era.

Kean protestava por não o deixar ir procurar o outro e Dan percorreu com o olhar todos os que dançavam e bebiam.

Próximo dele o homem passou, dançando com uma jovem e Kean, que o descobrira ao mesmo tempo, disse:

— **É este... é este!...**

O indivíduo cruzou o seu olhar com o de Dan e não teve tempo de lamentar o seu erro. Muito mais rápido que ele, Dan fez fogo sem tocar, nem ao de leve, na rapariga que gritou, assustada.

A orquestra parou de tocar aquela música desafinada e uma grande expectativa fez murgulhar a maioria dos presentes em profundo silêncio.

— Ele ia disparar, mas este antecipou-se — disse a rapariga.

Dan agradeceu-lhe por ela dizer a verdade.

— Quem foi que disparou?

E, ao ouvir estas palavras, Dan viu o xerife avançar por entre os curiosos.

— Fui eu — respondeu Dan. — Ele ia fazer isso mesmo contra mim.

— Não empunhou nenhuma arma.

— Não lhe dei tempo... Sou muito mais rápido. Se ele tivesse sabido isso mesmo ainda estaria vivo.

— Eu concedi um indulto, mas não quero que os pistoleiros façam exibições, Dan Pook.

Dan não soube que responder. Pelas palavras do xerife não havia dúvida de que fora reconhecido.

— Garanto-lhe, xerife, que se não me considerasse em perigo não teria disparado.

— Acredito, porque coincide com as afirmações da rapariga que dançava com ele. Mas já sabe... não quero que volte a repetir isto...

— Não penso deixar-me matar, xerife.

— E farás muito bem — interveio Kean. — Ele também te reconheceu... Sabia que tu havias jurado matar os assassinos de Edward... Pobre Edward...

— Que diz este homem?

— Refere-se a factos passados, xerife. O morto assassinou um amigo meu. Eu jurei vingá-lo. Ao reconhecer-me quis disparar mas não chegou a tempo.

— Bem, que retirem daqui o cadáver e que a música continue a tocar.

— Talvez... não... estivesse... sozinho... tem... cuidado... Dan.

Estas palavras de Kean fizeram-no ver que era possível que ele tivesse razão e aprestou-se a ficar vigilante durante todo o tempo que permanecesse no *saloon*.

Pouco depois, os vaqueiros começaram a dirigir-se para a pradaria onde se se realizariam os concursos. Quando Dan abandonava os adormecidos companheiros, encontrou uma jovem bastante interessante que procurava reanimar um vaqueiro, sentado no chão, em quem

se notavam os efeitos da grande quantidade de álcool ingerido.

Inclinou-se para ajudar a jovem a erguer aquele que, afinal, era o pai da rapariga.

— Eu bem o preveni para não beber. E agora não ganharemos nenhum prémio!

— Prémio?

— Sim. Viemos para ganhar as corridas. Precisamos da importância do prémio... E o cavalo não me obedecerá como obedece a ele.

— Tão premente é assim a necessidade de dinheiro?

— Muito! É a nossa última esperança... Apenas temos dois cavalos e meu pai garantia que era o melhor que havia. É filho de uma égua que ganhou muitas corridas. Veio de Inglaterra. Quando meu pai souber!

— Quando são as corridas?

— Esta tarde... Dentro de uma hora.

— Este homem não poderá correr dentro de tão pouco tempo. Não estará em condições, mas não se preocupe. Você ganhará essa corrida.

— Se o meu cavalo não me obedece como...

— Não é isso o que eu quis dizer.

— Não?

— Não. Serei eu quem correrá em seu nome.

— Oh! Você pesa muito mais que meu pai... Chegaria em último.

— Correrei no meu cavalo... Apenas preciso de arreios que não tenho.

— O seu cavalo não pode ser como o «Raio».

— É melhor. Tenho a certeza!

— Se conhecesse o «Raio» não falaria assim.

— Mas conheço o «Fugidio». O único que poderia competir com ele está ferido, longe daqui, ou talvez morto.

Tremia a voz de Dan ao falar do seu cavalo.

— Será melhor que meu pai se recomponha e monte o «Raio». Se ele o não fizer, serei eu a montar.

— Bem, está bem. Inscreva dois cavalos em seu nome, o seu e o meu. Venha, não percamos tempo. Deixe aqui o seu pai.

E agarrou a jovem por um braço.

— Mas eu não tenho dinheiro se não para a inscrição de «Raio» e isso porque retive a sua importância para que meu pai não a gastasse.

— Que contrariedade!... Bem, traga-o para eu fazer a inscrição. Lamento não a poder ajudar... Também não tenho um cêntimo...

Os dois jovens começaram a rir com esta franca confissão.

Já na pradaria, a jovem deu os dez dólares da inscrição a Dan e este perguntou:

— Como se chama você?

— Oh! É verdade, não me apresentei. Sou Edith Beach!

— Muito prazer, *miss* Beach... Vou inscrever o seu cavalo. Trate-me por Dan, é esse o meu nome.

— O cavalo chama-se...

— Bem sei, não se preocupe — interrompeu Dan, afastando-se para a mesa do júri. Ao regressar, Edith disse:

— Dentro de meia hora, você terá os dois mil dólares.

— Sem meu pai, eu não sou capaz de fazer uma afirmação.

VII

Todos os cavaleiros estavam preparados e Dan acorreu com «Fugidio» pela rédea e aproximou-se de Edith que lhe disse:

— Tenho medo, *mister* Dan! Este cavalo não vai obedecer-me como devia. Está um pouco assustado!

Dan, com a sua experiência, viu que «Raio» era, sem dúvida, um bom cavalo.

— Não se preocupe. Quando terminar a corrida já estará tranquila e iremos procurar seu pai.

— Não é depois da corrida que eu preciso que ele esteja calmo, mas antes.

— Cavalos e cavaleiros! À partida! — gritou o juiz de partida.

— Bem, *mister* Dan, deseje-me sorte.

— *Miss* Edith... Não é você que vai correr, mas eu. Inscrevi o meu cavalo.

— Eh! Fez isso? Roubou-me os dez dólares!

— Não. Inscrevi-o em seu nome... será você quem receberá o prémio.

— Esse cavalo nunca poderá ganhar...

— Vai ver como está enganada.

E Dan dirigiu-se para o lugar que lhe indicaram.

«Fugidio» ia sem sela e Dan, portanto, sem estribos. Ao verem-no assim, um murmúrio percorreu o local das corridas, com o mesmo comentário.

— Aquele cavaleiro está louco!

Edith compreendeu que já não havia remédio. Aproximou-se dos cavaleiros e ao ouvir o comentário verificou que tinham razão, ainda que se tivesse entusiasmado

com «Fugidio», cujo aspecto era admirável, com o seu pêlo tão brilhante como se fosse de aço pulido, ao ser ferido pelos raios de sol.

Muitos espectadores riam, à gargalhada, ao verem Dan montando o «Fugidio» em pêlo.

Dan, que procurava Edith entre os curiosos, no local onde a deixara, não reparou que davam o sinal para partirem e quando o fez já os outros concorrentes levavam alguns metros de avanço.

Os aplausos com que saudaram a partida dos cavalos transformaram-se em gargalhadas ao verem Dan tão atrasado. Edith, em compensação, tinha os olhos cheios de lágrimas e afastou-se dali. Não queria estar onde Dan a pudesse encontrar quando acabasse a sua ridícula corrida. E do fundo da sua alma recriminou seu pai, causador daquela desgraça.

Os espectadores começaram a gritar de entusiasmo, incitando os cavaleiros que iam na frente, mas Edith continuava a afastar-se com «Raio» pela rédea, ao mesmo tempo que lhe batia no pescoço, dizendo-lhe, carinhosamente:

— Teria sido bem mais difícil vencerem-nos...

Aumentava a gritaria e Edith estranhou já não ouvir as anteriores gargalhadas pelo que pensou ter Dan desistido.

Um grupo de vaqueiros que corria para uma abertura a fim de assistirem à corrida arrastou Edith, novamente para o local onde antes se encontrava, salvando-se de cair no chão devido a ir bem agarrada às rédeas de «Raio» que ao sentir que a jovem puxava por ele, fizera um ligeiro recuo.

A gritaria era ensurdecedora dos que rodeavam Edith quando os cavaleiros passavam por ali. Mas através de uma cortina de lágrimas olhou para a pequena abertura existente entre dois altos vaqueiros e esteve quase a desmaiar.

Era Dan que ia na frente!

Abriu caminho com os cotovelos e em poucos segundos encontrava-se na primeira fila, gritando a plenos pulmões, incitando Dan.

Agora, os espectadores já não se riam do cavaleiro nem do cavalo sem sela. Vibravam de entusiasmo, enlouquecidos por aquele cavalo e por aquele cavaleiro que continuavam a ganhar avanço sobre aquele grupo que tanta dianteira conquistara nos primeiros minutos.

Bem depressa, todos ficaram convencidos de que apenas aquele cavalo de que tanto haviam sido o princípio poderia vir a ser o vencedor. Continuava num galope desenfreado e Dan, no último troço da corrida animou o cavalo com gritos, conseguindo aumentar em muito mais jardas a distância que o separava dos outros.

Ainda o cavalo não havia parado, e já Dan fora arrancado de cima dele e passeado aos ombros entre gritos do mais vibrante entusiasmo.

Agora, Edith chorava de alegria e caminhou, com dificuldade, para o local onde ele a deixara e para onde os entusiasmados vaqueiros o levavam. Dan conseguiu ver Edith e libertou-se com dificuldade mas para isso teve de prometer ir depois tomar uma bebida à *Lua de Ouro*.

— Desculpe-me!... Desculpe-me! Se soubesse como eu pensei mal de si! — dizia Edith, agarrando as duas mãos que Dan lhe estendia.

— Não se preocupe... Eu prometi que você receberia o prémio. Pode já fazer isso. Eu acompanho-a.

— Na verdade, esse dinheiro não me pertence e você confessou que não possuía um cêntimo. Para poder concorrer teve de me enganar. Esse prémio pertence-lhe.

— Você é, oficialmente, a dona deste cavalo. Não seja criança. Vamos!

E, novamente, deu o braço à rapariga, levando-a até à mesa do júri onde, ao saberem ser ela a dona do cavalo, a aplaudiram com calor.

Iam entregar-lhe a importância do prémio quando de entre os vaqueiros que se encontravam próximo da mesa se ouvia uma voz forte e ameaçadora que afirmou:

— Nenhum assassino pode tomar parte numa corrida!

O entusiasmo arrefeceu, substituído por uma grande emoção.

Dan olhou para aquele que falara e, como o não conhecesse, disse:

— É a mim que se refere?

— Sim! É a ti! Ainda não há muito tempo que assassinaste um amigo meu. Mas agora nada te salvará... Eu estou de olho em ti, Dan Pook! Ouviram todos? É Dan Pook! O bandido por quem se oferecem mais dólares de recompensa do que são aqui atribuídos em prémios.

Dan não dizia nada, nem fazia qualquer movimento suspeito, mas seguia os movimentos dos olhos daquele que falava. Edith, angustiado, permanecia imóvel junto de Dan.

— Este rapaz apenas se defendeu... é durante os festejos ninguém se meterá com ele — disse o xerife, levantando-se do seu lugar na mesa do júri.

— E vais permitir que um assassino, um *gun-man* e assaltante se encontre entre nós?

— Já me insultaste mais do que suficiente para justificar uma atitude violenta da minha parte, mas eu prometi ao xerife, o seu pedido, que não faria mais vítimas, a não ser para salvar a minha vida.

— Mas antes assassinaste um amigo nosso!

Agora era um vaqueiro, separado do outro, quem falou:

— Xerife, bem está a ver que estes dois estão combinados para distrairem a minha atenção e se aproveitarem da vantagem que isso possa representar... Não me diga depois que sou eu que tenho a culpa.

— Não sejas fanfarrão! Nós não somos tão confiantes nem tão lentos como...

Também estes dois se enganaram. E muitos foram os olhos que se abriram, assombrados. Dan sem, aparentemente, fazer qualquer movimento, chegou com as mãos às suas armas antes que os outros dois utilizassem as suas, que já tinham empunhadas no momento de morrer.

— Lamento, xerife... não tive outro remédio. Estou à sua disposição.

E Dan, voltando a assombrar os presentes, levantou as mãos.

— Não! Não! — gritaram muitos.

— Têm razão — disse o xerife. — Somos testemunhas que te defendeste. Quiseram atacar-te, mais uma vez, à

traição. Já disse que nada tens a recear durante os festejos e eu cumpro sempre a minha palavra.

Uma atroadora salva de palmas acolheu estas palavras. O Oeste acabava de demonstrar, mais uma vez, o que, na verdade, era. Amava e admirava a destreza em tudo e, especialmente, odiava os cobardes e traiçoeiros. Dan demonstrara que era um valente. Edith estendeu-lhe as mãos, dizendo:

— Não sei se é verdade o que estes dois disseram mas, seja como for, eu estou grata pelo que fez por mim.

— Sou Dan Pook, sim. Mas nem sou assassino, nem salteador. Defendo-me e talvez seja superior a muitos no manejo das armas, mas não tenho motivos para me arrepender.

— Acredito.

— Aqui está a importância do prémio — disse um dos membros do júri.

Dan empurrou Edith para junto da mesa e fez com que ela recebesse os dois mil dólares.

— Isto, na realidade, não me pertence...

Novamente, os aplausos interromperam o que Edith estava a dizer.

— Esse dinheiro corresponde à dona do cavalo vencedor que é Edith Beach. Pode verificar isto mesmo nas listas de inserição — declarou Dan.

— Muito obrigado! Que surpresa vai ter o meu pai quando tiver o espírito desanuviado e souber do que se passou! Foi uma infelicidade para si aproximar-se de mim para me ajudar a levantantá-lo. Se não fosse assim, você teria ganho esta importância.

— Não pensava tomar parte na corrida.

— Não? Mas se você tinha a certeza absoluta de que ganharia!

— Pois apesar disso não pensei fazê-lo.

— Você é muito estranho!

— Talvez tenha razão.

— Onde vive?

— Nas montanhas... Passei uns meses nas de Owi, não muito longe daqui, mas agora não sei para onde vou.

— Não tem família?

— É a mim que se refere?

— Sim! É a ti! Ainda não há muito tempo que assassinaste um amigo meu. Mas agora nada te salvará... Eu estou de olho em ti, Dan Pook! Ouviram todos? É Dan Pook! O bandido por quem se oferecem mais dólares de recompensa do que são aqui atribuídos em prémios.

Dan não dizia nada, nem fazia qualquer movimento suspeito, mas seguia os movimentos dos olhos daquele que falava. Edith, angustiado, permanecia imóvel junto de Dan.

— Este rapaz apenas se defendeu... é durante os festejos ninguém se meterá com ele — disse o xerife, levantando-se do seu lugar na mesa do júri.

— E vais permitir que um assassino, um *gun-man* e assaltante se encontre entre nós?

— Já me insultaste mais do que suficiente para justificar uma atitude violenta da minha parte, mas eu prometi ao xerife, o seu pedido, que não faria mais vítimas, a não ser para salvar a minha vida.

— Mas antes assassinaste um amigo nosso!

Agora era um vaqueiro, separado do outro, quem falou:

— Xerife, bem está a ver que estes dois estão combinados para distrairem a minha atenção e se aproveitarem da vantagem que isso possa representar... Não me diga depois que sou eu que tenho a culpa.

— Não sejas fanfarrão! Nós não somos tão confiantes nem tão lentos como...

Também estes dois se enganaram. E muitos foram os olhos que se abriram, assombrados. Dan sem, aparentemente, fazer qualquer movimento, chegou com as mãos às suas armas antes que os outros dois utilizassem as suas, que já tinham empunhadas no momento de morrer.

— Lamento, xerife... não tive outro remédio. Estou à sua disposição.

E Dan, voltando a assombrar os presentes, levantou as mãos.

— Não! Não! — gritaram muitos.

— Têm razão — disse o xerife. — Somos testemunhas que te defendeste. Quiseram atacar-te, mais uma vez, à

traição. Já disse que nada tens a recear durante os festejos e eu cumpro sempre a minha palavra.

Uma atroadora salva de palmas acolheu estas palavras. O Oeste acabava de demonstrar, mais uma vez, o que, na verdade, era. Amava e admirava a destreza em tudo e, especialmente, odiava os cobardes e traiçoeiros. Dan demonstrara que era um valente. Edith estendeu-lhe as mãos, dizendo:

— Não sei se é verdade o que estes dois disseram mas, seja como for, eu estou grata pelo que fez por mim.

— Sou Dan Pook, sim. Mas nem sou assassino, nem salteador. Defendo-me e talvez seja superior a muitos no manejo das armas, mas não tenho motivos para me arrepender.

— Acredito.

— Aqui está a importância do prémio — disse um dos membros do júri.

Dan empurrou Edith para junto da mesa e fez com que ela recebesse os dois mil dólares.

— Isto, na realidade, não me pertence...

Novamente, os aplausos interromperam o que Edith estava a dizer.

— Esse dinheiro corresponde à dona do cavalo vencedor que é Edith Beach. Pode verificar isto mesmo nas listas de inserição — declarou Dan.

— Muito obrigado! Que surpresa vai ter o meu pai quando tiver o espírito desanuviado e souber do que se passou! Foi uma infelicidade para si aproximar-se de mim para me ajudar a levantantá-lo. Se não fosse assim, você teria ganho esta importância.

— Não pensava tomar parte na corrida.

— Não? Mas se você tinha a certeza absoluta de que ganharia!

— Pois apesar disso não pensei fazê-lo.

— Você é muito estranho!

— Talvez tenha razão.

— Onde vive?

— Nas montanhas... Passei uns meses nas de Owi, não muito longe daqui, mas agora não sei para onde vou.

— Não tem família?

— Meus pais morreram quando Sutter encontrou o filão. Eu deixei-me deslumbrar, também, pela ambição, mas depois fugi do vale mineiro... Nele uma pessoa faz o que jamais pensara poder a vir a fazer... Estes factos virão a ter grande influência na história da União. O ouro permitiu colonizar grande parte do Oeste, mas a moralidade será duramente atingida. Ali nasceu uma nova fauna que fará muito mal à Sociedade e que obrigará a retardar a força da Lei naquela área. Refiro-me aos *gun-man*, isso que dizem que eu sou. Vivi meses entre aqueles homens, para quem não havia outro travão se não o receio pelo mais forte ou pelo mais destro. O uso do revólver era uma necessidade perante aqueles que se haviam acostumado a utilizá-lo como um meio de satisfazerem a sua cobiça sem limites. Com a descoberta do ouro na Califórnia os egoísmos desencadearam-se e todos os processos passaram a ser bons para se enriquecer com rapidez. Hão-de decorrer muitos anos antes que a lei do *Colt* seja eliminada no Oeste. Um encadear de circunstâncias provocou fatais consequências. Eu sou uma das suas vítimas... A minha habilidade com o revólver, invejada por muitos, é considerada um perigo e eu sou um *gun-man* que é necessário eliminar. Eu sempre me defendi, de frente, mas posso ser morto pelas costas. Não será crime se o fizerem, mas quando eu, ao defender a minha vida de traições e de emboscadas, sou obrigado a matar, logo consideram ser um assassínio... A moral perverteu-se.

— Deve partir para longe... Para onde o não conheçam.

— É o que me dizia Pamela.

— Quem é a Pamela?

— A mulher que amo e também sente igual sentimento por mim.

— E não o acompanha?

— Não é possível.

— Assusta-a a sua fama?

— Não... é a filha do homem a quem jurei matar. E fiz o juramento perante o corpo ainda quente do meu melhor amigo, assassinado por ele, roubando-lhe o fruto do seu esforço o que lhe permitiu conquistar posição e

dignidade. Foi ele ,quem entregou a fotografia que se encontrava em poder do meu amigo para fazerem esses cartazes que inundam Wyoming.

— Vá para longe...

— Não posso deixar de cumprir o meu juramento. De futuro, se o não fizesse, sentiria desprezo por mim próprio... e procuro retardar para não perder a estima de Pamela.

— E ela sabe?

— Não... mas deve suspeitar.

— Por amor dela, você deve perdoar ao pai.

— Não o merece... continua a ser o mesmo que era. Mesmo que eu me condene e perca o que mais desejo, a Humanidade agradecer-me-á que a libertasse de uma hiena como é o pai de Pamela.

— Não deve pensar assim quem antes se exprimia como você o fez. Demonstre que saiu com a alma limpa dessa época de que me falou. Compreendo que a amizade pelo seu amigo o levem a fazer esse juramento... Se apenas vivesse para isso seria indigno... Deixe que triunfe o bem que ainda resta na sua alma.

— Você é muito boa pessoa, *miss* Edith e era assim que eu pensava. Por isso eu me afastei do mundo e me refugiei na montanha. Depois de uns meses, durante os quais procurei esse homem por todos os lados, cheguei a dizer para comigo aquilo que você acaba de exprimir, mas quando encontrei esse homem e ao vê-lo...

— Por isso deve afastar-se... Fugir da tentação.

— É ele quem me persegue.

— Onde vive?

— Em Hudson...

— Não é Griffith?... Sim, sim. Pamela é o nome da filha!

— Conhece-o?

— Sim... Tem razão. É cruel, miserável! Talvez o pior indivíduo do mundo... Fez-nos muito mal... Foi pesquisador com meu pai e lançou sobre ele as culpas dos crimes que praticava. Assim conseguiu que o prendessem a fim de ficar com o seu ouro... Meu pai fugiu da prisão e quis vingar-se dele como você... Eu convenci-o e

hoje é feliz... É coincidência! Faça você a mesma coisa! Despreze-o se quiser, mas não faça o que pensa. Além disso é o pai de Pamela...

— Agrada-me ouvi-la falar dessa maneira mas, creia-me, Griffith não merece.

— Todos nós merecemos perdão e a satisfação de perdoar é superior à do castigo. Vamos procurar meu pai. Ficarei satisfeita por se conhecerem. Espero que sejam bons amigos.

— Para mim será um prazer.

VIII

— Então tu és aquele rapaz que jurou matar Griffith e de quem este fugiu durante muito tempo?

— Sim, sou eu.

— Tenho a certeza de que Edith te falou para o não fazeres para a tua própria tranquilidade de consciência. Não é verdade?

— Sim, pai, e disse-lhe que tu também pensaste como ele mas que depois te convenceste de que é melhor não carregar a consciência com problemas como este. Tenho a certeza de que tu o aconselharás como deves.

— O meu único conselho é que se ele encontrar Griffith — Edith sorria, satisfeita — deve matá-lo, imediatamente. É um monstro!

— Pai... Que tens? Estás louco?

— Não. Estive louco quando te dei ouvidos e te obedeci. Claro que desde então não voltei a ver esse coiote.

— Não faça caso, *mister* Pook. Ele ainda está um pouco perturbado.

— Nunca estive tão bem como agora. Bah! Não sejas criança... Tudo o que dizes está muito bem nos livros mas aqui, no Oeste, a melhor escola é a vida e esta ensina que para nos fazermos respeitar é preciso saber atirar muito bem e ser rápido com o revólver. Que conseguirias tu se a maioria de nós fizesse o que tu dizes? Pois, nada! Apenas permitiríamos que uns quantos se impusessem pelo terror, olhados beatificamente pelos outros. Não, não e não! Se encontrares esse porco do Griffith no teu caminho procura ser o primeiro a em-

punhar a arma e não falhares. Assim farás um bem à Humanidade.

— Pai... não é possível que estejas a falar a sério!

— Pois o que eu estou a dizer é muito sério. Há muito tempo que isto fervia aqui — e batia no peito — mas não te podia dizer. Estava desejoso de encontrar alguém com quem falar sobre estes assuntos.

— É muito triste, *miss* Edith, mas eu creio que seu pai tem razão. Já tive a oportunidade de lhe dizer que eu também pensava assim e que suportara tudo o que era possível suportar. Mas só me fiz respeitar quando, obrigado pelas circunstâncias, passei a usar o revólver com certa destreza. Então, sim, todos passaram a respeitar-me.

— Está aqui! Está aqui!

E Dan viu-se rodeado por um grupo de vaqueiros.

— Prometeu tomar uma bebida connosco.

— Agora estou ocupado... Mais tarde...

— Não, agora! Esta jovem pode acompanhar-nos e dançar um pouco. Foi a que recebeu os dois mil dólares! — disse o que falava em nome de todos.

— Nós vamos descansar. Terão de nos desculpar, mas meu pai não se sente bem.

O pai de Edith que, na realidade, desejava dormir um bom pedaço, confirmou as palavras da filha e dirigiram-se para os seus quartos, conseguidos numa casa situada um pouco mais além do *saloon*, na estrada para o Sul. Dan combinou encontrar-se com Edith no dia seguinte, pela manhã. Iriam assistir juntos ao concurso com as facas.

O vaqueiros, rodeando Dan, começaram a fazer-lhe perguntas, onde se notava admiração.

— Como é que tu fazes para chegares tão rapidamente com as mãos às armas?

— É muito simples. Tudo assenta no treino. Se vocês treinarem como eu fiz, bem depressa alcançam o que pretendem.

— Não, isso não é verdade. Eu já gastei centenas de cartuchos e tenho a certeza de que se continuasse nunca

agente do governador a tua situação passará a ser então muito delicada.

— Talvez tenha razão. Vou-me embora. Mas digam-lhes que não o faço por ter medo mas que não me obriguem a defrontá-los se me aborrecerem, porque nessa altura serei eu a persegui-los.

— Eu creio que não devias partir... Conta comigo, rapaz! — exclamou um vaqueiro.

— E comigo! — gritaram todos.

— Obrigado... Será melhor fazer o que este diz. Mas que não me acossem mais! É a última vez que parto com as armas nos coldres, que é isso, precisamente, o que os encoraja.

Demoraram-se tanto na conversa que já não houve possibilidade de escapar. Naquele momento surgiam à porta por onde tinha de sair o xerife de Grebo, que acompanhava o pai de Pamela.

— Está aqui Dan Pook! — exclamou um dos que o acompanhavam.

Dan, sem se mexer e observando atentamente o grupo, disse:

— Para evitar a luta eu ia sair, neste momento... Estou a ver que não é possível e lamento que me veja obrigado a fazer mais vítimas e, principalmente, quando trazem no peito essa insígnia tão digna de respeito... Cuidado com as mãos e nem mais um passo!

As últimas palavras foram ditas num tom tão cortante que todos, inconscientemente, pararam e sem que as suas mãos cumprissem o que o cérebro lhes ordenava. Todos desejavam disparar as suas armas mas a fama de Dan era tão trágica e especialmente por aquilo que acabavam de ouvir que ele tinha feito na pradaria, que nenhum se atrevia a ser o primeiro. Dan leu neles a luta que travavam consigo próprios e tinha a certeza que só o medo lhe salvava a vida. O medo que eles tinham devido à sua fama. Precisava de praticar qualquer acto audacioso antes que qualquer deles se decidisse a intervir. Isso seria a sua perdição pois se era verdade que mataria alguns também não seria menos verdade que alguma bala acabaria por liquidá-lo.

— Dan Pook! Há muitas milhas que te persigo... Será melhor que te entregues sem luta e, depois, poderás defender-te das acusações. Se não é verdade que não és o autor dos crimes e roubos de que te acusam não tens nada a recear.

— Não sou assim tão inocente como lhe possa parecer, xerife. E se me perseguiu durante tantas milhas não foi só para ter o prazer de me matar. Você vem em minha perseguição, não porque eu seja um perigo para a sociedade, não. Como eu há muitos, mas esses não lhe interessam. Eu sim, porque valho alguns milhões de dólares para si se eu me deixar matar, não interessa seja porque espécie de traição for. Mas está enganado, xerife... Está enganado! E ficaria satisfeito se o compreendesse a tempo. Não, não olhe. Não o deixarei saltar para qualquer lado. Você será a minha primeira vítima quando chegar o momento!

Estas palavras produziram efeito. O xerife, assustado, afirmou:

— Nada de disparates, rapaz! É possível que estejas a dizer a verdade.

Mas Dan seguiu o olhar do xerife porque descobrira nele uma extranha alegria nas suas últimas palavras. Junto à porta encontrava-se um homem quase oculto pelos outros mas que Dan, devido à sua estatura, via bem. O homem, lentamente, devia estar a «sacar» a arma do coldre com o que muito alegrava Dan visto que lhe ia permitir praticar o acto audacioso que considerava necessário para impedir o ataque.

— Eu julguei, xerife, que você seria mais sincero. Demonstrei-lhe que estava enganado a meu respeito.

Dan falava para que o outro estivesse ainda mais confiante.

— Esse a quem você dirigiu uma mensagem de traição engolirá as suas más intenções envolvidas em chumbo.

E, ao dizer isto, as mãos de Dan, como a velocidade de furacões, baixaram aos coldres e fizeram fogo, arrancando um ruído surdo, tétrico, quando a bala entrou pela boca daquele que já empunhava o revólver. Caiu, sem vida,

não tendo tempo para disparar por entre os que se encontravam à sua frente.

— Essas mãos bem altas! Separem-se uns dos outros.

Aqueles a quem Dan se dirigia obedeceram às suas ordens e todos puderam ver que o morto ainda tinha o revólver na mão.

— Foi você quem matou esse homem, xerife! Fez-lhe sinal para disparar, à traição e eis aqui as consequências. Foi você, portanto, quem o matou.

E dirigindo-se agora ao xerife da cidade:

— Desculpe-me, mas como vê todos se obstinam em me atacarem à traição. Apenas o senhor foi nobre comigo. Não se preocupou comigo enquanto durassem os festejos, apesar de uns crimes que afirmam eu ter cometido, mas acredite que não fui eu. Estes indivíduos não quiseram acatar as suas ordens. Isso quer dizer que lhe são superiores e se o são no cargo também o devem ser em coragem e habilidade. Vejamos! Eu não quero que se incomode a perseguir mais e como não duvido da sua coragem visto que ao andar atrás de mim está disposto a tudo, agora, perante todos, irá lutar comigo, não é verdade?

O xerife de Grebo a quem ele agora se dirigiu ficou pálido.

— Eu... não posso... você... tem as armas nas mãos...

— Não, não. Iremos ficar em igualdade de condições. Eu meterei também as armas nos coldres e a um sinal dado por um qualquer, empunharemos os dois, ao mesmo tempo.

— Isso... não é possível... Eu... não... sou tão rápido.

— Se acredita que é assim, então por que me persegue?

— Deram-me ordens para o fazer.

— Quanto lhe ofereceu *mister* Griffith pela minha morte?

— Quinze mil... — começou, inconscientemente...

E, depois, acrescentou:

— Mas não foi *mister* Griffith. Foi o governador.

— Está a mentir, xerife. E estou farto de fugir de cobardes como você! Prepare-se! Baixe as mãos!

— Não, eu não posso lutar...

— Baixe as mãos!

— Não! Não!

Os braços daquele xerife tremiam.

— Eu disse para que lutasse comigo.

— Perdoe-me! Perdoe-me! Tenho duas filhas!...

— Mas por que me persegue?

— A ambição! Não o farei mais!

— Você é um desprezível cobarde!

E Dan voltou-lhe as costas, mas olhando de revés para ver se o outro caía na armadilha.

E caiu.

O xerife de Grebo, julgando que ele não o via, baixou as mãos com rapidez e puxou das armas, mas ficaram junto dos flancos. Três detonações quase sincronizadas encheram de chumbo o ventre daquele homem.

— Que cobarde! Fez tremer os braços para que eu ficasse mais confiante! Mas eu não confio em homens como este... Há mais alguém que tenha interesse na minha prisão?

E dirigiu-se agora ao xerife da cidade:

— Levante as mãos! Eu sei que é obrigado a prender-me por esta morte, visto que este homem disse que era um enviado do Governo... Claro que se não fosse assim, você desprezá-lo-ia como traidor... No Oeste, os cobardes não devem existir!

O xerife obedeceu, mas sem dizer nada e com expressão um pouco sorridente.

— Vocês, deixem-me passar! E levem esta mensagem a Griffith: irei procurá-lo para o matar. Nem por ser o pai de Pamela se salvará! Que ninguém saia se não quer que haja mais mortes!

Já próximo da porta, outro vaqueiro, julgando-o disfraído, quis surpreendê-lo. Ainda conseguiu disparar, mas a sua bala cravou-se no soalho, quando ele tombou para não mais se levantar.

— Não queiram ser castigados! Terei de matar todos os que vinham com esse xerife!

E, ao dizer isto, fez rodar as armas em sua volta, apontando para o grupo.

— Não! Não nos mates! Nós não faremos nada! — exclamou um deles.

— Não posso confiar!

— Não dispares, rapaz! Seria uma cobardia e até agora demonstraste ser um valente.

Foi o vaqueiro velho quem assim falou, fazendo sorrir Dan.

— Quando eu sair, agradeçam-lhe. Ficam a dever-lhe a vida.

E, ao dizer isto, Dan saltou para a rua, desaparecendo na escuridão. Segundos depois, ouvia-se o galope de um cavalo. E vários vaqueiros precipitaram-se para a porta, disparando para onde se ouvia o galopar do cavalo. Dan, porém, que libertara um cavalo qualquer da barra transversal, picando-o fortemente, no ventre com uma espora, ficando escondido entre os cavalos, disparou contra os vaqueiros, fazendo mais três mortos.

Os outros fugiram para dentro do estabelecimento e, então, Dan montou no «Fugidio», caminhando a passo.

— Enganou-nos!

— É um demónio!

— Preparou bem a armadilha. Não era ele quem se ia embora! Ele está aí!

— Ele não os enganou! Avisou para que não saíssem se não queriam que se verificasse mais mortes — disse o velho vaqueiro. — E cumpriu a sua palavra.

— É um rapaz de valor. Pena é que o obriguem a matar — disse o xerife.

— Foi uma loucura tentar surpreendê-lo!

— Bem viram o que se passou. Esta tarde matou dois indivíduos na pradaria e agora... foram seis.

— É terrível! E preciso ir em sua perseguição, xerife!

— Não lhes parece já existirem bastantes vítimas?

— É a sua obrigação. Matou várias pessoas.

— Queres dizer vários cobardes...

— Xerife!

— Eu dou sempre às coisas o seu verdadeiro nome.

— Um dos mortos era xerife!

— Isso é o que eu lamento. Morreu, desonrando uma insígnia. Morreu quando procurava praticar o acto mais

cobarde... Disparando pelas costas! À traição! E foi desafiado para uma luta nobre que não quis aceitar.

— Isto vai custar-lhe caro, xerife! O governador há-de saber disto.

— Eu não fui eléito por ele. Fui eleito pelos habitantes da cidade, mas se o facto de ser xerife significa ser cobarde, imediatamente eu arrancaria esta insígnia e colocá-la-ia em cima deste balcão para que a recolhesse quem sirva para as traições como as vossas. E cala-te ou não respondo por mim!

— O xerife tem razão! Este rapaz defendeu-se... Não fez mais que defender-se.

Os vaqueiros que haviam acompanhado o xerife morto acharam por bem ao verem a atitude dos presentes, ficarem calados.

— Que levem daqui esses cadáveres! — ordenou o xerife, quando saiu.

IX

— Estão ali uns vaqueiros que querem falar contigo, pai. São os que acompanhavam aquele xerife de Grebo.

— Porque não os fizeste entrar? Onde estão eles?

E James Griffith levantou-se da secretária onde estava a trabalhar para ir ao encontro daqueles que sua filha acabava de anunciar.

— Não preciso de ti, Pamela — disse para a filha que ia junto dele. — São assuntos meus e do rancho.

— Calculo... Trata-se de Dan... Mas pelo que eu já ouvi dizer, creio que vão dar-te más notícias.

Praguejou várias vezes quando a filha o deixou sozinho e foi atender os vaqueiros.

— Que notícias trazem?

— Más, *mister* Griffith.

— Más? Que aconteceu? Porque não vem o xerife com vocês? Não se atreve, eh?

— Morreu.

— Morreu? E foi...

— Sim. Dan Pook matou-o e a mais cinco dos nossos. Apenas ficamos nós.

— Vocês são uns cobardes! Tantos para um só homem e deixam-no fugir. Onde o encontraram?

— Em Bairoil onde havia festa.

E o vaqueiro contou, pormenorizadamente o que se passara.

— Não compreendo como o não mataram. Bah! Não valem nada!

— Havemos de ver, *mister* Griffith, quando ele vier, porque nos encarregou de lhe dizer que viria aqui e

nem pelo facto de ser o pai de Pamela se livrará de morrer às suas mãos.

— Ele disse isso?

A expressão não podia ter sofrido maior mudança. O aborrecimento e a cólera transformaram-se num grande medo que modificou imediatamente o seu aspecto.

— Sim, e considero-o capaz de o fazer.

— E eu! Nunca acreditei que alguém fosse tão rápido como diziam que ele era, mas a verdade é que é bem superior ao que eu ouvira acerca dele.

— Façam o favor de avisarem o xerife... Digam-lhe que venha cá o mais depressa possível... E vocês desculpem o que eu lhes disse. Temos de reconhecer que esse rapaz tem algum pacto com o demónio. Devem ajudar-me... e eu pagarei bem. É preciso vigiar bem este rancho... Uns rodearão a casa e outros galoparão constantemente pelos arredores, vigiando os caminhos que conduzem até cá. Não quero que nos surpreenda e se virmos que ele vem será recebido como merece. Avisem o xerife!

Quando Griffith ficou sozinho, começou a passear de um lado para o outro muito nervoso e ao ver sua filha entrar, exclamou:

— Pamela! Tens de me ajudar.

— Que se passa, pai? Que tens? Assustas-me! Estás apavorado! Que foi?

— Dan escapou-se depois de haver morto o xerife de Grebo e mais cinco que iam em sua perseguição.

— Fico satisfeita, pai... Muito satisfeita. E se empenharem em persegui-lo ele liquidará todos vós. Ele tem razão.

— Cala-te! Jurou que me matará e mandou-me recado por esses dois, dizendo que vinha aqui e que nem mesmo por ser teu pai me salvarei... Tens de me salvar. Apenas tu o podes fazer!

— Não, pai. És tu que deves salvar-te, dando ordem para retirarem esses cartazes.

— Eu não posso fazer isso...

— Por que deste a fotografia para os fazerem? Onde a foste buscar?

— Não falemos nisso... Eu não sei nada acerca dessa fotografia. Esses cartazes foram feitos em Cheyenne.

— Sim, e foi James Griffith quem entregou a fotografia. Dan sabe disso e foi ele quem me informou. Será uma monstruosidade o que eu vou dizer, mas se ele te matar creio que não o odiarei como devia porque, na realidade, será um suicídio da tua parte. Pedi-te em todos os tons e de todas as formas para que o deixasses em paz e tu não fizeste caso. Lamento, pai, mas eu não te ajudarei a preparar uma armadilha para o matares porque então seria eu quem te mataria e sem o mais pequeno remorso. Li o «diário» de Dan e vi nele o teu nome citado com frequência. Tiraste-me esse «diário» no dia em que viemos da sua cabana para casa, mas eu encontrei-o no teu escritório. Já sabes, porque também o deves ter lido, o que ele diz a teu respeito e eu acredito em tudo quanto a ti se refere. Cometeste muitos crimes e todo o dinheiro que possuis, tudo o que nos rodeia está manchado de sangue inocente. Oh! Teria preferido que não me falasses de tudo isto! Mas já sabes como eu penso! O que deves fazer é devolver o dinheiro aos herdeiros das tuas vítimas e pedires perdão a Dan. Mataste o seu melhor amigo.

— Estás louca! Isso é falso! Eu não matei ninguém... Mas matá-lo-ei. Queria que me ajudasses a salvá-lo. Fazia isso por ti, mas agora já ninguém o salvará. Nem mesmo tu!

— Estás a tremer, pai, e não é de raiva como das outras vezes. Agora tremes de medo... conheço-te bem. Queres que seja eu a preparar isto?

— Não! Eu tratarei de tudo. Perseguiremos esse rapaz até aos confins do mundo. Oferecerei uma maior recompensa e não haverá quem o salve!

— Eu sei que não acreditas nisso que dizes e aviso-te de que esse «diário» deve estar a estas horas nas mãos do govenador... Por ele se provam os teus crimes e a inocência de Dan. Procurar-se-á as famílias das tuas vítimas e todos os que te conheceram na Califórnia.

— Não, não é possível que tenhas feito isso!

— Já não tem remédio. Gostava muito de ti mas

nem sendo meu pai eu posso ajudar um assassino nas suas proezas.

— Cala-te! Ou mato-te com as minhas próprias mãos!

E agarrou a filha pelo pescoço.

— Não seria surpresa para mim. Julgo-te capaz disso. Não tens consciência!

E, desprendendo-se com um forte esticão daquelas mãos fortes, saiu do gabinete.

Griffith, durante uns minutos passeou no aposento como fera enjaulada. Depois chamou o capataz a quem disse:

— Spencer, é preciso impedir que minha filha saia deste rancho. Dispõe para isso de uns quantos vaqueiros junto dos cavalos com ordens precisas neste sentido.

— Mas...

— Voltou-se contra mim. Está apaixonada por aquele Dan, da Califórnia... Lembras-te?

— Sim.

— Pamela sabe de tudo e procura denunciar-nos.

— Neste Estado nada temos a recear. As autoridades daqui não gozam de jurisdição para tal.

— Mas demonstrará a inocência de Dan Pook.

— Foram cometidos crimes e assaltos de que o acusaram a ele. E isso a tua filha não pode demonstrar que não é verdade.

— Tens razão! E podemos aumentar essa conta praticamente mais algum em seu nome.

— Para isso dar resultado, deve ser feito na área onde se encontrar Dan Pook.

— Devíamos procurar aqueles que raptaram a minha filha.

— Eu conheço alguns.

— Tu!

— Sim, são também velhos amigos da Califórnia. Não pensavam fazer-lhe mal. Apenas queriam «sacar-te» alguns dólares por ela.

— Está bem. Eu dar-te-ei, como a eles, o que pensavam «sacar» se me ajudarem a liquidar esse Dan.

— Serão muitos dólares.

— Não me importo. Darei até trinta mil dólares se o matarem ou fizerem com que seja enforcado.

— Negócio fechado, James. Irei falar a esses amigos.

— Estão aqui?

— Não te posso dizer... Não confio em ti, James. Estás habituado a trair todos os teus sócios.

— Não vos pagarei enquanto não tiver a certeza do desaparecimento, por morte, de Dan Pook.

— Não poderás ter dúvidas... Traremos o seu cadáver, mas necessitamos de dinheiro para as primeiras despesas. Teremos de subornar.

— Não discutamos isso. Vou dar-vos cinco mil por conta. Vem.

Naquele momento, Pamela, afastando-se da porta, onde estivera a ouvir tudo, comentou, em voz baixa:

— Que miseráveis!

Pamela não tinha necessidade de ouvir mais nada. Por isso, dirigiu-se ao seu quarto, pensando que chegara o momento de fugir, visto que ainda não haviam sido dadas ordens a seu respeito.

E sem pensar mais e enquanto seu pai entregava a primeira importância para perseguirem Dan, montou no «Pat», que já se encontrava em condições, graças aos seus cuidados, e saiu do rancho em direcção à cidade.

No caminho, encontrou o xerife e aqueles dois vaqueiros, a quem saudou com a mão.

O xerife entrou em casa, gritando:

— James! James!

E, acompanhado por Spencer, Griffith apareceu.

— Aqui estou. Que se passa? — perguntou o xerife.

— Já vou dizer-te. Entra. Vocês podem ir com Spencer. Ele vos dará instruções — disse aos vaqueiros.

Sem dizerem nada, estes obedeceram e, ao ficarem sozinhos, Griffith disse:

— Xerife... esse rapaz é muito difícil de caçar.

— Não lhe seguiam a pista, de perto?

— Esses rapazes não te disseram nada?

— Não falamos nada. Pediram-me em teu nome que viesse e aqui me tens.

— Pois esse rapaz não só escapou como matou seis dos seus perseguidores e, entre eles, o xerife de Grebo.

— Melhor! Assim poderemos aumentar a recompensa. Já não poderá escapar de morrer enforcado. Todos os xerifes por onde ele passe quererão vingar o seu companheiro. Temos de fazer novos cartazes. O governador, por seu lado, aumentará a recompensa.

— Creio que encontrei a solução.

E falou longamente dos seus projectos com Spencer e com os amigos deste.

— Isso é perigoso, James... Se eles são ladrões de gado não podemos estar com eles.

— Não te preocupes. A honra da captura será para ti. Receberás o que o governador oferecer e eu pagarei os trinta mil dólares a esses indivíduos.

— Se tua filha tem conhecimento disto...

— Não poderá sair do rancho. Tê-la-ei aqui retida até resolvermos este caso. Já dei ordens nesse sentido.

— Isso será quando ela voltar, porque a encontramos no caminho. Ia em direcção à cidade.

— Eh! Minha filha ia para a cidade? Vou buscá-la. Vamos!

— Mas que receias dela?

— Enfrentou-me abertamente e procurará ajudar esse rapaz... Vamos! Vamos!

E Griffith arrastou o xerife consigo.

X

Pamela não entrou na cidade, mas seguiu até Laudes, a povoação mais próxima e que nessa altura era formada por um pequeno grupo de casas, rodeadas por uma paliçada, lembrança de defesa contra os índios, habitantes daquelas pradarias. Mas pensando em que talvez fosse perseguida logo que dessem conta da sua partida, também não entrou em Laudes e na bifurcação do caminho, onde por um deles se ia para Moran, a muitas milhas para Oeste e o outro para Bairoil, para Leste, escolheu este último e meteu «Pat» a galope durante uns minutos.

Enquanto galopava e o vento lhe refrescava o rosto, Pamela pensou que ia sem dinheiro e não sabia para onde ir. Apenas sabia que tinha de fugir de sua casa, afastar-se de seu pai e do grupo de assassinos que o rodeavam.

Depois de pôr de lado muitos pensamentos, decidiu pedir ajuda ao primeiro xerife que encontrasse para continuar a viagem de diligência, se acaso passasse alguma, para chegar a Cheyenne e apresentar-se ao governador. Junto ao peito, como se fosse uma jóia sagrada, levava ela o «diário» de Dan que, para assustar seu pai, dissera que já o havia enviado ao governador.

Tinha a certeza de que aquele «diário» seria uma prova de inocência de Dan e, sobretudo, dos motivos que seu pai tinha para o perseguir. Também provaria o assassínio do amigo, de que Dan falava no seu «diário», o facto de ter a fotografia com dedicatória a Edward, o assassinado por seu pai. Por momentos sentiu um profundo remorso pelo que ia fazer, visto que se tratava de seu pai mas logo a seguir rectificou esse sentimento ao

lembrar-se da conversa entre este e Spencer. Queriam torná-la uma prisioneira dentro do rancho.

Lutando contra os seus pensamentos mais antagónicos decorreram três horas e como a marcha de «Pat» não deixou de ser rápida encontrou-se junto do caminho que flectia para a direita e onde podia ver-se uma tabuleta em forma de seta, onde se lia: «Bairoil». Dirigiu «Pat» naquela direcção e minutos depois deparava com uma verdadeira multidão na pradaria que rodeava a cidade.

Poucos foram os que repararam nela e, curiosa, olhou para ver o que se passava já que reunia tanta gente em sua volta. Sorriu, ao ver que estavam a laçar e a marcar vitelos, por entre os aplausos dos espectadores.

Perguntou onde poderia encontrar o xerife e indicaram-lhe a mesa do júri. Encaminhou-se para lá e, desmontando, aproximou-se da pessoa que exibia a insígnia de cinco pontas, dizendo-lhe:

— Xerife, queria que me dedicasse uns minutos de atenção.

— Agora não é possível, *miss*... Espere que acabem estes concursos. Sente-se aqui, poderá observar tudo com todos os pormenores.

Pamela obedeceu e esteve a assistir àquelas demonstrações de destreza quando o seu coração bateu com violência ao ouvir que um dos indivíduos que se encontrava junto do xerife dizia a este:

— Eu creio que se esse Dan Pook não tivesse de partir, depois de ter morto aquele cobarde xerife, teria também vencido estes concursos.

— Acredito. É um excelente rapaz, em todos os sentidos! — respondeu o xerife.

Pamela julgou que iria perder os sentidos e se alguém tivesse reparado nela, teria podido observar que ela perdera as cores, de uma forma alarmante. Recompôs-se, todavia, sentindo uma emoção de alívio ao ouvir o xerife, visto que as suas palavras confirmavam não ser Dan o indivíduo odioso que seu pai afirmava ele ser.

Mergulhada nos seus pensamentos, não ouviu os comentários daqueles que a rodeavam. Foi retirada da

sua abstracção pelos aplausos da multidão e pelas palavras do xerife.

— Agora vamos ter uns minutos de intervalo e posso atendê-la. Que desejava?

— Xerife... acabo de ouvir falar no nome de um homem que eu procuro... Dan Pook.

— Dan Pook! Você também o persegue?

— Eu amo-o, xerife... Sou Pamela Griffith, a filha do homem que o odeia.

O xerife, que se lembrou da mensagem de Dan ao partir, declarou:

— Poderemos falar, depois de isto acabado, no meu escritório. Creio que são injustos para esse rapaz que é um valente. Ajudá-la-ei em tudo o que puder.

— Obrigado, xerife.

— Olhe, aquela jovem ganhou dois mil dólares graças a Dan Pook e procurou por ele depois da sua partida. Seu pai é outra pessoa que odeia James Griffith e que afirma que ele merece a morte. Apresentou hoje mesmo uma queixa contra James Griffith por assassínio na Califórnia, mas nós não podemos intervir em acções praticadas noutro Estado. Espere, eu vou chamar essa jovem. Pode estar com ela enquanto isto não acaba e não vamos para o meu escritório.

E o xerife aproximou-se de Edith dizendo-lhe:

— Menina, acaba de chegar uma jovem que diz chamar-se Pamela Griffith, aquela que ama Dan Pook, e que vem à sua procura. Quer fazer o favor de a acompanhar até que eu a possa atender?

Edith, sem responder, viu Pamela e partiu à sua procura.

— Creio que nos devemos tratar por tu... Dan disse-me que te amava muito. É uma pena que tenhas chegado depois de ele se ter visto obrigado a partir. Eu não pude despedir-me dele. Comigo, comportou-se como um irmão, ainda que te confesse que se ele não estivesse apaixonado por outra eu ter-me-ia apaixonado cegamente por ele. É maravilhoso! Tu és filha de James Griffith?

— Sim.

— Meu pai não é muito seu amigo. Conheceu-o, como Dan, na Califórnia.

— O xerife já me disse que o denunciara não sei por quantos crimes.

— Sim... Mas esqueçamos isso... Vens à procura de Dan?

— Não na realidade, não sabia qual era o meu propósito quando saí de casa. Não pensei se não em fugir.

E Pamela relatou minuciosamente todos os factos, desde que conhecera Dan até à conversa de seu pai com Spencer.

— Então tu julgavas que ele era um *gun-man*, não é verdade?

— Sim e considerei-o o chefe dos que me mantinham prisioneira naquela cabana. Se não tivesse ficado tão gravemente ferido e se não se tivesse passado o que depois aconteceu, continuaria a considerá-lo como tal.

— Pois a mim também me fez enganar.

E, agora, Edith contou o que se passara com a corrida de cavalos.

— Esse «Fugidio» que ele monta e com o qual ganhou os dois mil dólares para ti é o cavalo que ele me ofereceu. O que eu monto agora também é dele, mas que teve de o deixar porque o feriram. Eu entreguei-lhe o meu para que pudesse fugir.

— Lamento não o ter visto antes dele partir. Não tinha um cêntimo e nas suas condições ir sem dinheiro poderá ser perigoso.

— Dan é um rapaz de muita imaginação. Confio nele.

O xerife, ao reunir-se às duas raparigas, interrompeu o diálogo, dirigindo-se os três para o seu escritório. Uma vez aqui instalados falaram longamente de Dan e Pamela pôde verificar que o xerife o estimava, apesar das mortes que ele fizera na sua presença.

O pai de Edith também esteve com eles e, duas horas mais tarde, o xerife dizia:

— Eu creio que o melhor é ficares com a minha mulher até possuirmos uma pista desse rapaz.

— É que eu queria entregar este «diário» ao governador.

— Não alimentes ilusões. Esse «diário» não tem qualquer valor. O governador julgará que é uma artimanha feminina, de mulher apaixonada para auxiliar o homem amado e o mais que conseguirias era ele reter-te, até à chegada de teu pai, que ele trataria de avisar. Teu pai deve ter boas amizades em Cheyenne.

— O dinheiro, por infelicidade, conquista amigos em qualquer parte — comentou o pai de Edith.

— Bem. Aceito, esperarei aqui por notícias de Dan.

XI

Decorreram duas semanas. Por todas as cidades do Wyoming, nos cruzamentos das estradas e em muitos ranchos, havia uma profusão de cartazes com fotografias de Dan Pook e uma descrição pormenorizada das circunstâncias especiais que lhe diziam respeito, com a tentadora oferta de vinte e cinco mil dólares a quem facilitasse a sua captura ou o entregasse morto.

Era um verdadeiro incitamento ao crime.

Dan descendo das montanhas que montavam a guarda eterna ao Norton Plattie na parte em que o rio formava uma espécie de lago de umas duas milhas e meia de largura por vinte de comprimento, encontrou pregado numa grossa árvore um desses cartazes que rasgou, sorrindo tristemente, pensando que, na sua situação, sem dinheiro e esfomeado, havia de lhe ser difícil afastar-se do Estado. Precisava de comer e as munições que lhe restavam eram necessárias para defender a sua vida. Também não podia ficar sem meios de defesa. Estava encurralado, era certo, mas conservando as munições das suas armas, nada receava. E, visto que o teria de o fazer mais tarde ou mais cedo, decidiu ir à cidade que ao descer da montanha vira num indicador de madeira. Tratava-se de Hanna que, a julgar pela distância a que fora avistada, não parecia muito importante.

Era a hora mais indicada visto que, por ser ainda muito de dia, não haveria muita gente na cidade, pois deviam estar, forçosamente, a tratarem das criações do gado e das terras da lavoura.

Fazia um calor enervante e com o chapéu deitado para

a frente, Dan entrou na pequena praça da povoação. Por todos os lados se viam cartazes como aquele.

O homem que, com as mangas da camisa arregaçadas se encontrava no balcão, falando com o único cliente que ali se encontrava, olhou-o, curiosamente.

— Estou esfomeado — disse Dan — e não tenho dinheiro nem nada que o valha a não ser o meu cavalo, do qual não me é possível separar. Mas posso trabalhar, compensando-o, assim, da despesa que fizer.

O cliente olhou-o, dos pés à cabeça, e a seguir fixou um dos cartazes. Dan notou isso e declarou:

— Sim, eu sou esse Dan Pook que «reclamam» com tão tentadora oferta, mas não tenho de que me arrepender. Não sou responsável por nenhum desses crimes.

— É estranho — disse o homem do balcão. — De onde vens?

— De umas montanhas próximo daqui. Estive lá durante vários dias.

— Não compreendo... Há apenas umas horas, segundo disse o vaqueiro que passou por aqui esta manhã, Dan Pook matou três pessoas no Banco de Midwest, levando com ele um bom punhado de dólares e você afirma que não tem dinheiro. — E coçava a cabeça, preocupado.

— É assim mesmo... Não tenho um cêntimo. Já saí de Bairoil, há muitos dias, sem dinheiro.

— E esteve na montanha desde então?

— Sim.

— Não faças caso... Isso é o que ele diz — exclamou o outro.

— Eu nunca menti. E se não rectificar o que diz...

Dan aproximou-se do cliente, junto do balcão, mas sem puxar das armas, surpreendendo nas duas pessoas um olhar especial para a porta de entrada, atrás de si, por onde ele acabara de entrar. E, nesse momento, ouviu dizer:

— Levante bem essas mãos, forasteiro!

Dan, com rapidez, concebeu uma ideia que pôs, imediatamente, em prática. Como se encontrava com os rins apoiados no balcão, inclinou-se para dentro, deixando-

-se cair para o outro lado. Duas balas assobiaram por cima da sua cabeça quando já estava com os seus revólveres engatilhados, obrigando o homem do balcão a manter-se quieto. O indivíduo que assomara à porta julgou, sem dúvida, que o tinha morto pelo que continuou a avançar. Então. Dan disparou e ao cair no chão aquele homem, viu-lhe no peito a insígnia de xerife. Pela primeira vez sentiu um sincero remorso..

Então o cliente e o *barman*, sem que lhe tivessem dito alguma coisa, levantaram as mãos.

—Eu não queria matar ninguém... Depressa! Dê-me qualquer coisa de comer para eu levar e nada de traições. Passe-me esse pedaço de toucinho e um pouco de pão. Isso me basta.

O *barman* obedeceu e depois de desarmar os dois, cujos revólveres guardou sob o cinturão, Dan saiu para a rua, onde não se encontrava ninguém. Em frente, viu o escritório do xerife, o que justificava a sua entrada no bar um pouco depois dele. Devia tê-lo visto chegar, reconhecendo-o pelos cartazes.

Montou no «Fugidio» e ao pensar que um dos indícios era o de «um cavalo sem sela», tirou a do cavalo que se encontrava mais próximo, observando, ao mesmo tempo, os dois homens que se encontravam no estabelecimento sem baixarem as mãos.

Minutos depois cavalgava, calmamente, mastigando, voraz, o toucinho e o pão. Suspirou, profundamente, quando considerou o seu apetite satisfeito. A uma milha de distância da povoação encontrou um rapazinho a quem perguntou qual era o caminho mais curto para Midwest. O rapazito disse-lhe que devia seguir o curso do rio até Mills. Daqui seriam apenas três ou quatro horas a cavalo. O rapazito era, precisamente, de Midwest.

Dan agradeceu, sorrindo, e continuou o seu caminho.

Anoitecera na montanha o que permitiu que «Fugidio» pastasse à sua vontade e dois dias depois entrava em Mills que não era mais importante que Hanna e onde havia tantos cartazes como na outra.

Perguntou a um vaqueiro qual era o caminho que

levava a Midwest e depois de informado deu uma volta para não passar pela praça da povoação.

Não deu importância à expressão de estranheza do vaqueiro e continuou o seu caminho, mas minutos depois viu a nuvem de pó levantada por um grupo de cavaleiros, a todo o galope, e que vinham na sua direcção.

Continuou o seu caminho sem conceder importância ao facto mas ouviu tiros e pensou, imediatamente, que fora reconhecido pelo vaqueiro e este dera o alarme pelo que vinham agora em sua perseguição.

Não querendo submeter o «Fugidio» a um esforço demasiado e ainda que a distância fosse demasiada para os tiros disparados, deixou-se cair na estrada como se tivesse sido atingido, ficando voltado para baixo e com um revólver em cada mão.

A gritaria enorme dos cavaleiros indicou-lhe que os enganara e, assim, quando eles se encontraram dentro do campo das suas armas, estas começaram a vomitar fogo, fazendo três vítimas humanas e três cavalos.

A surpresa deste ataque atemorizou os outros cavaleiros que deram meia volta, abandonando os que haviam ficado sem montada e que procuravam abrigar-se por detrás dos cavalos mortos. Disparando sobre eles com as armas que recolhera em Hanna, obrigando-os a fugir, precipitadamente, a pé. Então, montando no «Fugidio», iniciou uma perseguição daqueles que, quando o viram a cavalo, saíram para fora da estrada procurando refúgio nos montes próximos. Mas o «Fugidio» era mais veloz e Dan, fora de si, matou-os a todos.

Depois, retirou dos corpos sem vida as munições que traziam e que serviam para as suas armas, regressando à estrada quando o haviam obrigado a matar.

Pensava entrar em Midwest já de noite. Informar-se-ia em qualquer casa do que acontecera e se havia alguma pista dos que haviam cometido aqueles crimes e roubos. Acabou de comer o pedaço de toucinho que lhe restava e esperou que anoitecesse quando se encontrava a duas milhas de Midwest.

Já caira a noite quando desceu da montanha e muito próximo da cidade deparou-se-lhe, não longe do caminho,

um rancho para o qual se dirigiu e bateiido, depois, à porta da casa.

Um velho com um candeeiro de petróleo na mão abriu a porta, perguntando:

— Que deseja, forasteiro?

— Descansar um pouco, se não vir nisso inconveniente, e um pouco de comida.

— Entre... entre... Eu e minha mulher estamos os dois sozinhos. Os meus dois filhos foram em perseguição desse Dan Pook.

— Têm alguma pista?

— Sim. Foram pela pradaria em direcção a Shashoni. Mas, entre. Não fique aí especado.

Dan entrou e uma voz feminina fez-se ouvir, do fundo de um quarto no primeiro andar:

— Quem é? São os rapazes?

— Não, Mary. É um forasteiro que chegou muito cansado. Mas não te mexas que eu tratarei dele.

E, dirigindo-se a Dan, acrescentou:

— Está um pouco adoentada... Já somos muito velhos.

— E quem dizia que perseguiam?

— Vão em perseguição de Dan Pook. Matou três pessoas e roubou o Banco. Um dos meus rapazes é o xerife.

— Dan Pook, bom velho, não fez isso.

— Sim, a um deles chamavam Dan e era quase tão alto como você, segundo disse o meu filho.

— Dan Pook sou eu... Mas não se assuste. Eu não sou o que dizem e há alguém interessado em enlamear o meu nome para que me assassinem quando me reconheçam... Eu me encarregarei de castigar esses bandidos.

— Você é Dan Pook? Não é possível. Mas se é, embora seja um velho...

E procurou ir buscar uma espingarda que se encontrava pendurada na parede.

Dan interpôs-se, dizendo:

— Eu não lhe quero fazer mal... Bem vê que eu podia dizer outro nome, mas sou incapaz de mentir. Todos me vão lançando para uma vida que sempre odiei. A ambição cega os homens e nas últimas horas fui obrigado a fazer mais vítimas. Queriam matar-me para receber a

recompensa que oferecem pela minha cabeça em virtude do desejo de um meu inimigo me querer liquidar.

— Sim, reconheço que podia ter-me enganado. Isso é verdade.

— Se não o fiz é porque tenho a certeza de que não sou o que dizem.

— De qualquer forma vá-se embora... Se os meus filhos voltarem não sei o que aconteceria... Não quero perder nenhum e dizem coisas a seu respeito...

— Não tenha receio. Se viessem... eu não dispararia a matar, nem mesmo para salvar a minha vida.

— É curioso... Agora acredito em si!

— Pode acreditar.

— Vou dar-lhe de comer. Não tenha receio. Eu não o trairei. Não sou um cobarde!

— A minha cabeça vale uma fortuna.

— Não me interessa o dinheiro ganho dessa maneira.

O velho foi buscar comida e serviu Dan que estava a comer quando ouviram dois cavalos deterem-se à porta e poucos segundos depois apareceram dois homens fortes e jovens, um dos quais exibia uma estrela de xerife.

— Mas, que fazes tu levantado a estas horas, pai? De quem é o cavalo que está lá fora? Ah! Tens um convidado. Boas noites.

— Boas noites — respondeu Dan, sem se perturbar.

— É um forasteiro que vai de passagem... Conheci seu pai há anos... — começou a dizer o velho.

Dan sentiu as lágrimas chegarem-lhe aos olhos...

— Não engane os seus filhos, bom homem... Eu sou Dan Pook.

— Quietos! — disse o velho aos filhos ao ver que eles faziam menção de levar as mãos às armas. — A lei da hospitalidade protege este rapaz. Tem bom coração e acredito no que ele me disse.

Dan não fez qualquer movimento de defesa.

— Mas se ele é Dan Pook...

— Não fui eu quem praticou aqui esses crimes... ainda que seja esse o meu nome.

— Tem razão, nós seguimos a sua pista.

— Pode ficar na cidade.

— Não, venho de Hanna e Mills onde tive de fazer algumas vítimas para salvar a minha vida, quando me reconheceram pelos cartazes... É uma história que eu vos contarei com prazer, se me quiserem ouvir... Prometi a seu pai que nada tinham a recear da minha parte e eu cumpro sempre as minhas promessas... e porque sou o mais rápido de todos os que aqui estamos podia matá-los mas não o farei. Deixar-me-ia matar por vocês só para não dar um desgosto ao vosso pai. Acreditou em mim!

— Sentem-se, hão de ter, também, apetite e contem o que fizeram.

Os dois rapazes obedeceram e a conversa generalizou-se até amanhecer. O xerife disse, então:

— Acredito em ti, rapaz... Acredito em ti! E ajudar-te-emos a castigar esses bandidos.

— Agradeço-lhes muito, mas isso é apenas de minha conta. Dizem que eu sou um pistoleiro e serei, mas não quero envolver ninguém em responsabilidades. Tenho a certeza de que esses homens obedecem a James Griffith. Irei procurá-los a Hudson. É lá que eles devem estar.

— Estou de acordo... A pista perdeu-se precisamente no rio, próximo dos caminhos para essa cidade. Ali não pudemos averiguar nada... O xerife de lá disse-nos que não era possível que se tivessem metido na cidade.

— Talvez que este xerife esteja combinado com Griffith. Devem ser muito amigos. E também o de Shashoni, mas a mim não me poderão enganar, porque eu conheço-os: vi-os juntos uma vez! Agora vocês devem ir descansar. Eu vou seguir o meu caminho. Dormirei nas montanhas. É onde me sinto melhor... Irei para onde deve andar à minha espera, já há dias, um cavalo que eu deixei solto e ao qual eu dei o nome de «Leal». E garanto-lhes que é mesmo leal.

— Deves ter cuidado. Agora, de dia, vejo que é muito simples identificar-te. Estás como nos cartazes.

— Procurarei esconder-me até cair sobre o causador de todas as minhas desgraças.

— E depois deves partir para muito longe... Pelo

menos até que se esqueça tudo o que tem sido feito como se fosses tu.

— Terei de fazer isso.

— Será a mais indicado. E não esqueças que nós acreditamos em ti.

— Nunca o poderei esquecer. Foi uma sorte chegar a esta casa. Eu sei que acredita em mim, bom homem.

— Sim, acreditei desde que tiveste a coragem de me dizeres quem eras, apesar de teres podido enganar-me.

— E não quis que nos enganasse.

— É um homem de coragem.

— Obrigado, muito obrigado! Não sabem quanto me emociona saber que ainda existe alguém que acredita em mim,

— Pela nossa parte podes crer que é assim.

— E no que a mim respeita, lembrar-me-ei sempre de vocês.

Os três homens abraçaram Dan e este partiu, seguindo o itinerário que os dois homens lhe indicaram a fim de não encontrar alguém que o reconhecesse pelos cartazes e o pudesse impedir de concretizar os seus propósitos.

Enquanto prosseguia no seu caminho não podia esquecer os três homens que havia confiado nele, quando existiam tantos indivíduos que, naquele momento, desejariam tê-lo à sua disposição para conseguir, inclusivamente com um assassínio, os dólares oferecidos pela sua cabeça.

XII

O pai de Edith, uma vez terminados os festejos, decidiu partir com a filha para o seu pequeno rancho abandonado e sem criação de gado. Com os dois mil dólares conseguidos pela magnífica corrida de Dan, iriam adquirir algum gado de reprodução para que fosse a hora de uma prosperidade sonhada desde os seus tempos de pesquisador de ouro.

Por causa de Edith fora obrigado a sair daquele envenenado ambiente da Califórnia e com o pouco ouro que lhe restava depois da canalhice de Griffith comprara o rancho onde não pudera manter o número de reses que justificasse o contrato de vaqueiros.

Edith despediu-se de Pamela. Mas esta disse-lhe:

— Não posso esperar mais aqui, Edith. Vou convosco e visto que irão passar por Hudson ficarei aí. Talvez seja o sítio onde possa vir a ter notícias de Dan.

— Sabemos apenas que ele fez vítimas em Hanne e Mills. Isso indica que ia para o Norte.

— Sim e, em Midwest, Dan Pook assaltou um Banco e matou três pessoas.

— Eu não amo Dan como tu e, todavia, não creio que tenha sido ele.

— Eu até já duvido... Estão a enlouquecê-lo com esta constantes perseguição.

— Dan não é ladrão, nem cobarde! Continua apenas a defender a sua vida.

— Se não é ele, então já sei quem são os autores dessas proezas. Hão-de ser os amigos de Spencer... Pro-

curam tornar odioso o nome de Dan Pook para que o matem logo que for reconhecido.

— Ainda bem. Voltas a pensar normalmente.

— Sim... por isso será conveniente que eu vá até Hudson. Não me interessa se meu pai me retiver no rancho. Ali poderei saber alguma coisa.

Despediram-se do xerife e de sua família que tão bem os haviam tratado e partiram para Hudson.

Quando chegaram a esta cidade, Edith e seu pai acompanharam Pamela até ao seu rancho.

Foi Spencer quem primeiro encontraram.

— *Miss* Pamela! — exclamou ao ver a jovem. — Julgamos que lhe tinha acontecido uma desgraça... Tantos dias ausente! Que alegria vai dar a seu pai

— Como está ele?

— Muito bem, embora muito preocupado com a sua ausência.

— Está em casa?

— Não. Foi à cidade mas não deve demorar.

Pamela levou os seus amigos até à casa e deu ordem para lhes servirem uma boa refeição.

O pai de Edith não disse nada, ainda que ao observar o luxo da casa tivesse pensado que o ouro que lhe fora roubado teria representado uma boa quota parte em tudo aquilo.

Estavam a acabar de comer quando chegou Griffith que, sem se preocupar com os outros, foi abraçar a filha, que era o único afecto sincero que tivera em toda a sua vida.

— Mas, onde estiveste? Assustei-me tanto! Procuramos por ti por todos os lados!

— Estive em Bairoil.

— Em Bairoil? Que foste lá fazer? Não procuravas esse ladrão de gado?

— Estás enganado. Sim, fui à procura de Dan mas ele já partira uns dias antes. Ali tive conhecimento da cobardia daquele xerife que o perseguia e dos homens que o acompanhavam. O próprio xerife de Bairoil reconheceu que as suas mortes foram merecidas e tem muita consideração por Dan.

— Deve ser um cúmplice. Não ouviste dizer o que ele fez em Midwest? E em Mills? Também matou o xerife de Hanna. Já não há salvação para ele. Será enforcado!

— Não será assim muito fácil apanhar esse rapaz. Eu vi-o manejar as armas e a sua rapidez e pontaria é qualquer coisa de inacreditável — disse Edith.

Então o pai de Pamela reparou nos dois e ficou lívido.

— Lembras-te de mim, James? — perguntou o pai de Edith, sorrindo.

— Não... não me lembro...

— Não te lembras, eh? Também não te lembras do ouro que me roubaste?

— Pai... esquece isso — disse Edith.

— Não sei de que está a falar... Pamela como é que pudeste trazer a esta casa quem me insulta desta maneira?

— Desculpa, pai, mas eu conheço todo o teu escuro passado. Confio em que te modifiques. Este homem já não te guarda rancor. E tu, tenho a certeza, irás indemnizá-lo do prejuízo que lhe causaste.

— Indemnizar? Tu estás louca! Eu não conheço este homem de parte alguma.

— Não te lembras de Edward, aquele jovem que tu assassinaste e por cuja morte te ameaçou Dan Pook? Andaste muito tempo a fugir. Depois foste buscar a tua filha e, com o produto dos teus crimes, transformaste-te na personagem que hoje és. Eu não te tenho rancor, como disse a tua filha, mas não escaparás ao castigo de Dan Pook. Vi-o em Bairoil e sei que nem por ele amar tanto a tua filha te salvarás.

— Dan Pook será enforcado pelos crimes que cometeu. Eu sou uma pessoa digna. Todos aqui me conhecem.

— Isso não é verdade... Eu sou o único que te conheço.

— Basta! Dou-vos cinco minutos para saírem desta casa.

— São meus amigos, pai.

— Não tenhas receio... Não quero nada teu, cobarde, assassino, visto que...

Uma detonação interrompeu o que ele ia a dizer e, dobrando-se sobre si próprio, caiu sem vida.

— Oh!

Edith, chorando, abraçou-se ao corpo do pai.

Pamela, horrorizada, assistia à cena.

— Assassino! Ladrão!

Edith, de pé, olhava com desprezo para Griffith. Nos seus olhos já não havia lágrimas.

— Cale-se.

— Cobarde! A...

Uma nova detonação fez soltar um agudo grito a Pamela, ao mesmo tempo que desmaiava.

Quando voltou a si, encontrou-se no seu quarto e, junto dela, Spencer e seu pai.

— Lamento, minha filha, que tenhas presenciado o que se passou, mas não consegui dominar-me.

— Deixa-me em paz. Não quero ver ninguém! Cobardes!

— Pamela!

— Podes matar-me, também... Sei que és capaz disso... mas tudo o que eles disseram repito-o eu...

Griffith, furioso, saiu do quarto da filha batendo, violentamente, com a porta. Spencer seguiu-o.

Pamela, deitada na cama, ouviu-o dizer:

— Trata de fazer com que ela não saia daqui.

Era seu pai quem dava a ordem. Estava prisioneira na sua própria casa! E, pela primeira vez, sentiu uma alegria imensa ao ver ali as suas armas.

Levantou-se da cama e acariciou-as como se tratasse de um ser querido. Escondeu-as sob as suas roupas. Estava disposta a exprimir-se na única linguagem que seu pai e os seus sequazes compreendiam. E, ao pensar na surpresa que lhes provocaria o ataque, sorriu, agradada.

XIII

Dan chegou ao local onde estivera com os seus cavalos, sem encontrar o «Leal», pensando que alguém o teria laçado, mas se alguma vez o encontrasse, como tinha o seu ferro, poderia demonstrar que lhe pertencia, voltando à sua posse.

Encontrava-se próximo de Shashoni e, cautelosamente, apesar de ser de noite, desceu à cidade, onde eram muitos os que o conheciam quando lá ia adquirir víveres e munições e para vender os cavalos. Alguns dos animais existentes na cidade tinham a sua marca.

Aproximou-se, deslizando na escuridão, do *saloon* em que costumavam reunir-se os vaqueiros depois dos trabalhos do dia.

Através dos vidros sujos por fora e embaciados por dentro devido ao calor lá de dentro, lançou um golpe de vista e o bater do seu coração acelerou-se, provocando-lhe um martelar do sangue nas suas têmporas quando viu em frente dele um dos indivíduos que surpreendera na sua cabana.

Não devia entrar enquanto não visse os outros e então, sim, iria ser agora o pistoleiro que todos receavam e alguns admiravam.

Procurou ao longo da fachada do edifício algum processo de entrar que não fosse pela porta e lamentou não poder contar com ninguém para que entrasse e dissesse que ele se encontrava na cidade.

Encontrou uma janela no outro andar a que com um bom salto chegaria, mas preferiu aproximar-se com o «Fugidio» e a partir daí a coisa tornou-se mais fácil.

Dentro de casa não lhe foi difícil encontrar o caminho até ao *saloon*, devido ao murmúrio de uma grande concorrência.

★

Pamela esperou, pacientemente, o momento de lhe trazerem a comida, pensando que, então, alguém o deveria fazer.

E não se enganou. Um vaqueiro bateu à porta pedindo autorização para entrar.

Uma vez autorizado, fez girar a chave e abriu a porta.

— *Miss* Griffith, seu pai deixou dito para lhe darmos de comer.

— Meu pai é muito amável. Permite que eu me alimente.

— Lamento ter de proceder assim consigo, mas enquanto não apanharmos esse Dan Pook, não haverá sossego e prefere tê-la a bom recato para que não vingue em si o ódio que ele lhe tem.

— Dan nunca tentaria nada contra mim. O que acontece é bem diferente. Não vos deve enganar. O que ele receia é que eu vá ao encontro de Dan e lhe diga como é o meu pai, ainda que ele já o saiba quase tão bem como eu. Eu andei muito cega. Até cheguei a suspeitar de Dan.

— Dan Pook é um perigoso ladrão de gado, *miss* Griffith.

— Não acredites nisso... São tudo invenções de meu pai por ter medo dele. Dan jurou, há anos, que o mataria porque ele assassinou o seu melhor amigo.

— Não devia falar assim do patrão. Ele é seu pai!

— Tens razão. Não devia falar assim, mas não o posso fazer de outro modo. Tenho de reconhecer, com tristeza, que é verdade tudo o que Dan diz acerca dele. Eu vi-o matar aqui duas pessoas inocentes.

— Era um seu inimigo... Tinha-o roubado quando eram jovens e ainda se atreveu a insultá-lo na sua própria casa. Não devia tê-los trazido aqui.

— E a filha... também... era sua inimiga?

— Não pôde dominar-se... Bem conhece o génio do patrão.

— Quando estiver perante Dan não agirá assim.

— Dan Pook será enforcado... Que quer comer?

— Ouve, por que não me ajudas a fugir? Dar-te-ia o que me pedisses.

— *Miss* Griffith!

— Não sejas pateta... e foge tu também antes que seja demasiado tarde.

— *Miss* Griffith!

— Sim, muito em breve vocês todos estarão pendurados numa corda. O governador já enviou os seus homens para demonstrar que quem pratica todos esses crimes que se atribuem a Dan Pook são os amigos de Spencer.

O rosto do vaqueiro exteriorizava o medo que dele se ia apossando.

— É possível que tu não saibas, mas eu sei. Ouvi-o dizer a meu pai e a Spencer... Por isso eu fugi, de outra vez.

— Isso não é verdade.

— É, sim.

— Será inútil, *miss* Griffith. Quando seu pai vier e souber que tem conhecimento disso, já não o poderá dizer a mais ninguém.

— Mas o governador já o sabe. Por isso me demorei eu tantos dias. E há-de saber que ele matou a Edith e o pai... Dir-lhe-ei eu! Todos serão enforcados!

— Será melhor esquecer tudo o que sabe... Se não fosse porque sempre sonhei consigo...

— Vem, ajuda-me a levantar... Estou extenuada!

Pamela queria que o homem entrasse no quarto para que ele não fugisse dando a voz de alarme ou a obrigasse a disparar, alertando toda a casa com o tiro.

— Mas faça por esquecer tudo isso — disse o vaqueiro.

— Cuidado em não te mexeres! Estou disposta a tudo! Levanta as mãos!

O vaqueiro não saía do seu assombro olhando, atónito, para aquelas armas que, por se encontrar de frente, verificou que estavam carregadas.

— Cala-te! Vem...

— *Miss*...

E quando o homem se encontrava próximo, Pamela bateu-lhe, com toda a sua força, com o revólver na cabeça, que ressoou como um tambor. O vaqueiro tombou desmaiado, no solo.

Amarrou-o bem e amordaçou-o com um lençol. Saiu, fechando a porta à chave e desceu as escadas cautelosamente.

Quando chegou ao sítio onde se encontravam os cavalos, ficou surpreendida ao encontrar ali o «Leal» que, logo que a viu se dirigiu para ela como se fosse um cão. Abraçou-lhe o pescoço e saltou para o seu lombo. Não podia demorar-se a procurar o «Pat».

Pelo caminho até à cidade ia pensando como é que aquele cavalo teria ido parar ao seu rancho. Também pensou na surpresa dos outros encarregados da sua vigilância quando verificassem que o companheiro não aparecia.

Não sabia, na realidade, o que ia fazer à cidade, pois não podia confiar no xerife nem em ninguém dali.

Encontrava-se na praça e já estava disposta a partir, quando se lembrou de que talvez Dan estivesse no seu refúgio.

Horas depois comprovava que não era assim, decidindo ir a Shashoni. Começava a anoitecer. Talvez que o xerife desta cidade se prestasse a ajudá-la. Não devia guardar-lhe rancor por aquele dia em que o obrigara e a seu pai a sair da cabana de Dan, depois de os ter desarmado.

Não saberia exprimir o que sentiu quando reconheceu o «Fugidio» no cavalo solto que se encontrava junto ao *saloon* da praça.

Sem pensar nas consequências entrou, decidida, no estabelecimento.

XIV

Dan encontrava-se a uma porta preparado para entrar quando viu Pamela, olhando numa e noutra direcção como se procurasse alguém.

— Aqui está a pombinha — disse o homenzarrão das barbas.

Pamela reconheceu nele o homem que Dan amarrara na sua cabana e sentiu medo.

— Ah!... É você... Xerife! Este é o homem que me raptou e levando-me para a cabana de Dan Pook.

Dan procurou entre os presentes onde se encontrava o xerife e bem depressa o descobriu. Abria passagem para ir ao encontro de Pamela.

— Não compreendo, *miss* Griffith. Este homem é um vaqueiro do seu rancho. Não estou para brincadeiras.

— Um vaqueiro do meu rancho? Isso não é verdade!

— É, sim. Não vai afirmar que eu não sei o que digo e não consigo compreender como pode estar aqui.

— Spencer!... Então estes indivíduos são seus amigos! Os que praticam toda a espécie de crimes e depois dizem que foi Dan Pook.

Estas palavras causaram profunda emoção.

— *Miss* Griffith! Pense no que está a dizer! Spencer é o capataz de seu pai

— Sim, bem sei. eu diria mais. Ele é o cúmplice de meu pai. Os dois encerraram-me no meu quarto depois do meu pai ter assassinado...

— Cale-se!

— Não quero, Spencer. O xerife deve saber a verdade. Meu pai assassinou, na minha presença, dois seres inde-

fesos. Pobre Edith! Não se deteve nem mesmo tratando-se de uma jovem. Meu pai matou-a e a seu pai, porque este conhecia o meu, desde a Califórnia.

— Xerife! Suponho que não vai dar ouvidos a esta louca!

— Não estou louca, Spencer... E estes são os que me raptaram, certamente de combinação consigo.

— Esta rapariga não sabe o que diz — exclamou o homem das barbas.

— Onde está Dan?

— Dan! Que Dan? — perguntou, intrigado, o xerife.

— Demasiado sabe o senhor a quem eu me refiro. Dan Pook! Mataram-no?

— Não, mas será enforcado logo que o cacemos.

— Está a mentir, xerife, eu vi o seu cavalo à porta.

Estas palavras provocaram grande alvoroço.

— Que diz? É verdade que o seu cavalo está à porta? Atenção, rapazes! Será recebido como merece.

— Não façam caso... Apenas procurei assustá-los.

Pamela compreendeu ser verdade eles não terem visto Dan e perante o receio de ter feito um disparate, declarou:

— Quis ver até onde chegava a vossa valentia... Um homem sozinho chega para vos assustar.

— Não se atreverá a enfrentar-me. Temos umas contas a acertar — disse o indivíduo das barbas.

— Se o visses na tua frente, ficarias a tremer como aquilo que és: um cobarde.

Dan estava admirado com a coragem de Pamela e receou por ela, decidindo a intervir em seu auxílio.

— *Miss* Griffith... tem de regressar a casa.

— Não, Spencer, não voltarei. Já verifiquei que ficou surpreendido quando me viu... Fugi! Eu também sei manejar um revólver, xerife! Deve prender estes homens. São os autores dos crimes e roubos que praticaram dizendo ter sido Dan Pook.

— O seu testemunho não tem valor... Está apaixonada por Dan Pook.

— Não nego, Spencer. Mas Dan Pook não é o bandido que vocês forjaram com os vossos crimes.

— Cale-se... ou não respondo por mim — rosnou o homem das barbas.

— Vejamos se te atreves! — disse Dan, entrando de rompante, com um revólver em cada mão.

Pamela deu um grito de alegria. Os outros levantaram as mãos, sem excluir o homem das barbas.

— Está a ver, xerife? Estavam combinados. Ela é sua cúmplice, devemos...

Não pôde dizer mais nada. Dan disparou a matar.

Era um dos indivíduos que entrara na sua cabana com o homem das barbas. Voltou-se para este.

— Estavas a dizer que ias matar-me... mas antes irás confessar que é verdade o que disse Pamela. Quem vos paga por esses crimes?

— Spencer e *mister* Griffith — respondeu para estupefacção de Spencer e do xerife. — Tínhamos por missão cobrir o teu nome de lama. Um dos meus homens respondia pelo nome de Dan para dar um carácter mais real à farsa — acrescentou.

— Está a ouvir, xerife!

— Mentes... Traidor... Cobarde!

E Spencer que, enlouquecido, se esquecera de Dan, ia a empunhar as armas, mas duas onças de chumbo destroçaram-lhe o rosto quando caiu, morto.

— Ainda bem que falaste verdade e por isso permito-me que empunhes a tua arma — disse Dan, para o homem das barbas.

— Não, Dan, não faças isso.

— Deixa-me, Pamela. Eu sempre cumpro o que prometo ou juro. Baixa as mãos!

O homem das barbas não quis ouvir repetir a ordem e com toda a rapidez de que era capaz levou as suas mãos em busca das armas. Dan deixou que ele as engatilhasse e então ele, que também metera as armas nos coldres, demonstrou quanto era justa a sua fama.

O homem das barbas tombou, morto, sem que os seus dedos tivessem chegado a premir os gatilhos.

Os outros seus amigos que tentaram escapar-se foram detidos pelos presentes e confirmaram, antes de serem enforcados, as declarações do homem das barbas. Haviam

raptado Pamela, de acordo com Spencer e depois era Griffith quem, de combinação com este, os encarregara de cometerem crimes para comprometerem Dan Pook.

— O que eu não compreendo, Dan, é como o «Leal» se encontrava nas cavalariças do meu rancho.

— Certamente que o encontraram nas montanhas onde eu o deixei.

— Lamento, rapaz, haver-te perseguido quando não eras tu o autor desses crimes.

— Você cumpria o seu dever, xerife.

— Cuidado, Dan! O meu pai!

Os tiros cruzaram-se. Dan desarmou Griffith que poucos segundos depois, sem que ninguém o pudesse evitar, estava enforcado junto dos outros.

Pamela, chorando, tratava de Dan, que fora ferido num braço.

★

— E esta é a história, pequeno Dan, do teu avozinho. Por isso somos tão amigos da família do xerife de que é o filho daquele com quem eu jantei naquela noite.

— E outro xerife, avozinho?

— Qual? O de Bairoil?

— Sim.

— Foi um bom amigo nosso, mas morreu poucos anos depois. Foi morto por um batoteiro, que foi enforcado como o teu avô.

«Desde aquele dia, meu filho, não mais voltei a manejar o revólver. Aquele ferimento fez-me perder parte do movimento do braço.

— E não te castigaram por tantas mortes?

— Pude provar que o fiz em legitima defesa, mas estive preso durante alguns meses e a tua avó esperou por mim para casarmos.

— Cuidado! Vem ai o nosso filho!

— O quê? Já estás às voltas com a tua história?

— Pai, não fizeste como o avozinho?

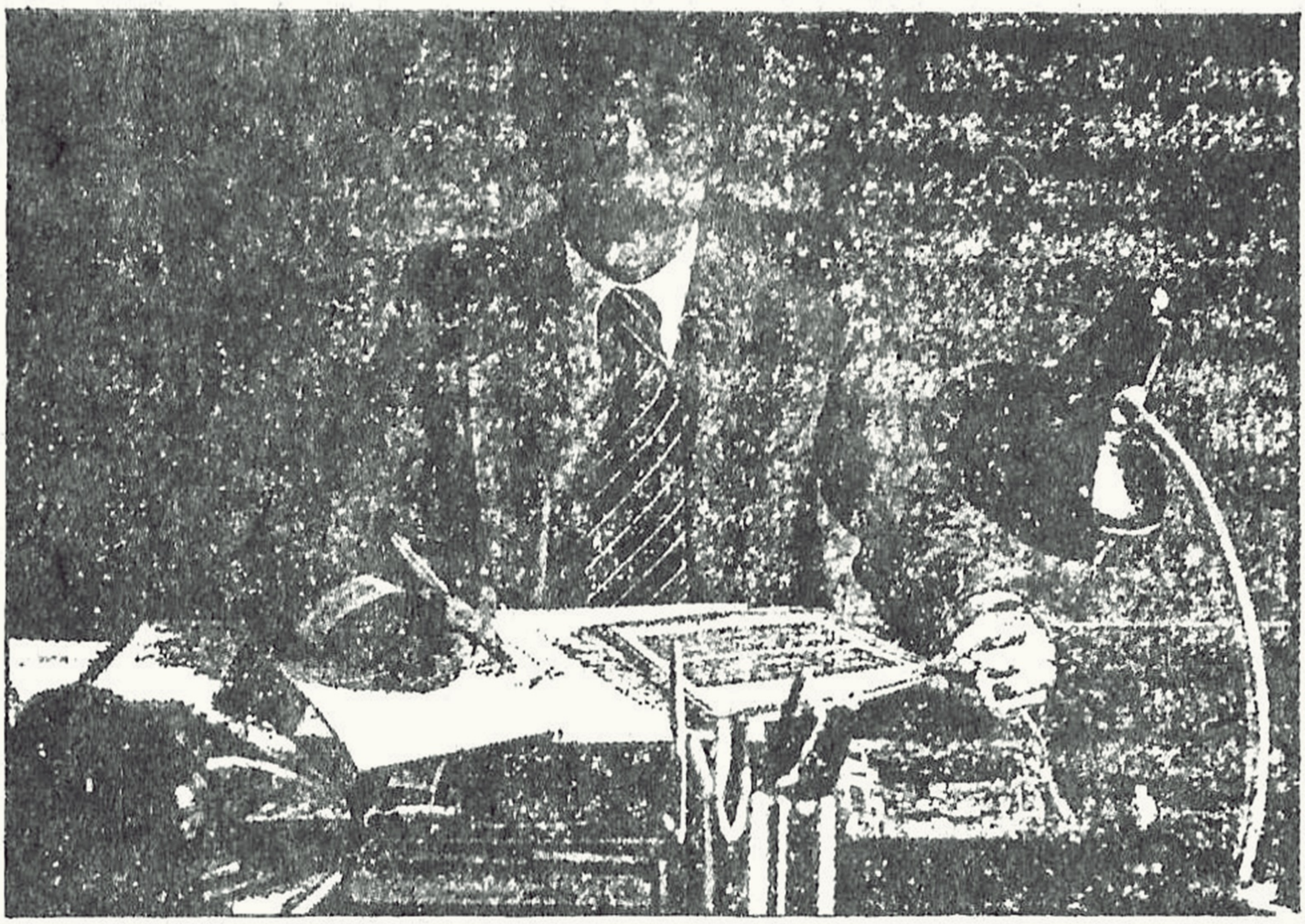
— Graças a eles é que o nosso país é que atingiu este plano.

— Sem vocês seria a mesma coisa, pai.

— Mas teria demorado mais, não duvides. Os pistoleiros do Oeste ajudaram muito a impôr a Lei naquele oceano de paixões. Qualquer dia seremos homenageados com monumentos...

FIM

Melhore o seu nível social exercendo uma boa profissão.



E isso está agora perfeitamente ao seu alcance se optar por **um curso do Centro de Instrução Técnica**, uma entidade especializada no ensino à distância.

Informe-se. Preencha, destaque e envie-nos o cupão por carta ou colado num simples postal. Mas faça-o ainda hoje!

Estes são os cursos que o CIT tem ao seu dispor: **Electrónica, Rádio e TV • Transístores • Desenho de Máquinas • Desenho de Construção • Contabilidade • Organização Administrativa de Empresas • Programação Cobol • Inglês • Francês • Cultura Geral • Corte e Confecção.**

CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA
ENSINO TÉCNICO À DISTÂNCIA

R. D. ESTEFÂNIA, 32
1066 LISBOA CODEX

Grátis e sem compromisso enviem-me informação completa sobre o curso que indico

CURSO _____

NOME _____

END. EMPREGO _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

A preencher pelos nossos serviços. ▶ | | | | 1 | | | | | | 1 | 4 | 0 | 4 | 0 |

LEIA NAS NOSSAS COLECÇÕES DE BOLSO

MADREPÉROLA

SILVIA
CORIN TELLADO

CAMÉLIA

ORQUÍDEA

EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS